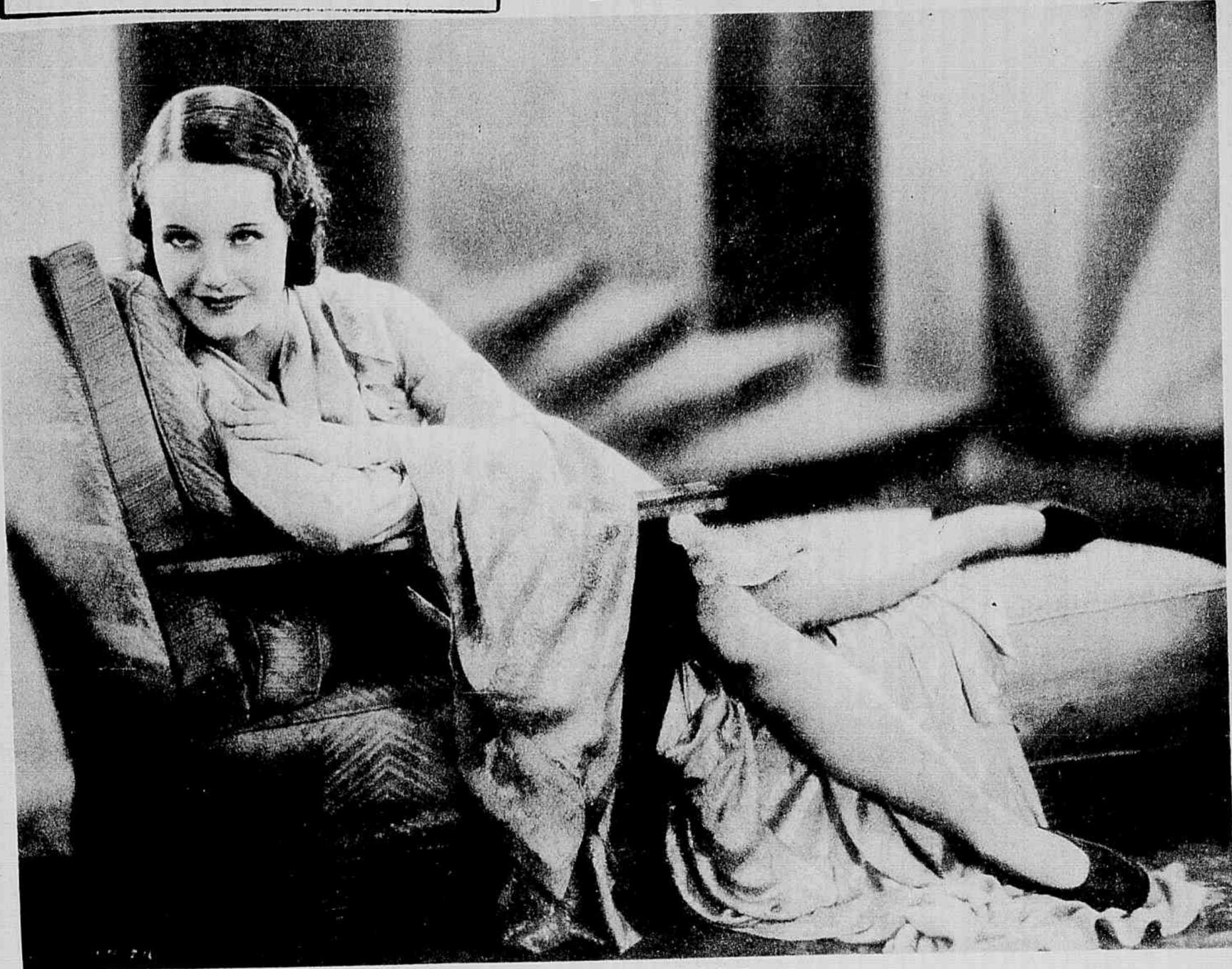
CINEARTE

ANNO VII N. 329
RIO DE JANEIRO, 15 DE JUNHO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

PEGGY SHANNON

PHILLIPS HOLMES
Cinearte

ROCHELLE HUDSON

O NOTICIARIO que encontramos nas revistas profissionaes dos Estados Unidos, ultimamente recebidos revela-nos que os effeitos da crise que abala o credito do mundo inteiro não se fez sentir ainda no campo da producção a não ser na restricção de uma serie immensa de despesas positivamente inuteis prodigalidade que o lucro farto permittia e o amor á reclame aconselhava.

Os formidaveis salarios de artistas, directores, etc. etc., vão sendo ajustados ás circumstancias actuaes. Os milhares e milhares de metros de Films consumidos prodigamente, postos fóra cada vez que se Filmava uma scena de uns cem metros apenas, mantém-se intactos nos depositos, as carissimas transferencias de centenas de pessoas para logares distantes, com despesas superiores ás que causaria um exercito com o fito de obter, com a precisa côr local, alguns episodios apenas, tudo isso passou para o campo dos Annaes, das Memorias das Reminiscencias...

Hoje os empresarios contam os "dollars" e cada um que sahe da caixa tem o seu emprego cuidadosamente fiscalizado. Os velhos scenarios, as antigas montagens são renovados e aproveitados.

Dez Films fazem-se hoje com o despendio equivalente ao de um só, annos passados.

E' desse geito que a industria Cinematographica vae se defendendo.

Felizmente para ella, havia muito onde cortar antes de attingir o cerne. Vão-se os anneis, fiquem os dedos.

Por isso é que a producção não tem se resentido muito.

Ha queixas, ha imprecações, ha ranger de dentes.

Mas isso é por parte dos que haviam se habituado aos lucros immoderados. Quem acompanha o desenvolvimento do Cinema vê como é fugaz hoje o brilho das "estrellas".

Cada dia que passa, surgem novas, que em 24 horas tramontam o acaso.

As antigas, raras são dellas as que conseguem manter o prestigio, sabe Deus á custa de que sacrificios!

Foi-se a politica das "estrellas". Passou como devia passar.

Hoje é a orientação puramente commercial que vae dirigindo a producção. D'ahi mesmo estandardizar-se cada vez mais o Film americano.

Reduzindo de 50% os gastos da producção, as empresas Cinematographicas não careceriam exigir sacrificios novos do exhibidor, nem este por consequencia, do publico pagante.

Essa afinal é que deve ser a verdadeira orientação. Productores e exhibidores vivem afinal, apenas da clientella dos Cinemas.

Essa é que é a gallinha dos ovos de ouro.

Por isso mesmo é necessario que os beneficiarios dos ovos não cuidem de ir-lhe até ás entranhas verificar esse extranho phenomeno de postura, como fez bem sentir o bom Lafontaine.

Bem fizemos sentir como entre nós a politica do encarecimento do custo das entradas fôra contra producente, afugentando o publico e citando como exemplo os Cinemas dos bairros que com as receitas especiaes a preços reduzidos iam rehavendo a clientella perdida.

Nos Estados Unidos, em vez de augmento, houve diminuição geral nos preços de entrada mesmo nos mais luxuosos Cinemas de Broadway.

E' com essa orientação sabia que conseguem productores e exhibidores enfrentar e, por fim jugular uma crise que chegou sériamente a ameaçar, abalando até os seus fundamentos, a vida das grandes empresas de producção.

Mirem-se nesse espelho os que entre nós se interessam pelo assumpto.

Sally...
de
Hollywood
Irmã
de
Loretta
Young...
Sally Blaine
NOTRE

A Fam-Film convidou-nos para assistir a um "trailer" de "Alma do Brasil", que vae ser exhibido muito breve num dos grandes Cinemas da Avenida. "Alma do Brasil", pelo que vimos, é um dos mais curiosos Films deste anno, lances empolgantes, tendo ainda a auxiliar a exhibição lindas musicas e uma synchronisação completa de todos os ruidos do Film.

Como se sabe, Alexandre Wulfes foi o operador e Libero Luxardo o director.

—:—

No mesmo dia em que o "unit" de "Onde a terra acaba", Filmava algumas scenas deste novo Film de Carmen Santos, Humberto Mauro em outra montagem fronteira a do Film que Octavio Mendes está dirigindo, Filmava "Ganga bruta." Por este motivo o grande palco do Cinédia-Studio apresentava um aspecto de actividade que nunca apresentára antes, sendo esta a primeira vez no Brasil que occorre a Filmagem simultanea de dois Films differentes no mesmo Studio. Mas não é só isso. Em outro canto do palco outra camera estava rodando numa outra actividade, tirando uma "prova" de uma nova figura da Cinédia, que vae ser uma nova sensação...

—:—

Com a Filmagem de "Ganga bruta", no "interior" que vem de ser armado no palco da Cinédia, estão Filmadas todas as scenas internas do Film de Humberto Mauro sendo essa sequencia em Filmagem, o ultimo interior que ainda faltava.

Após isso, o "unit" sahirá para "locação", longe desta capital, sendo provavelmente Filmadas muitas scenas em Ribeirão das Lages, para o que a Light num gesto muito sympathico deu permissão á Cinédia. Desta forma "Ganga bruta" deverá estar concluida dentro de muito breve tempo, para satisfação dos nossos "fans", que a estão esperando anciosamente e com toda a razão...

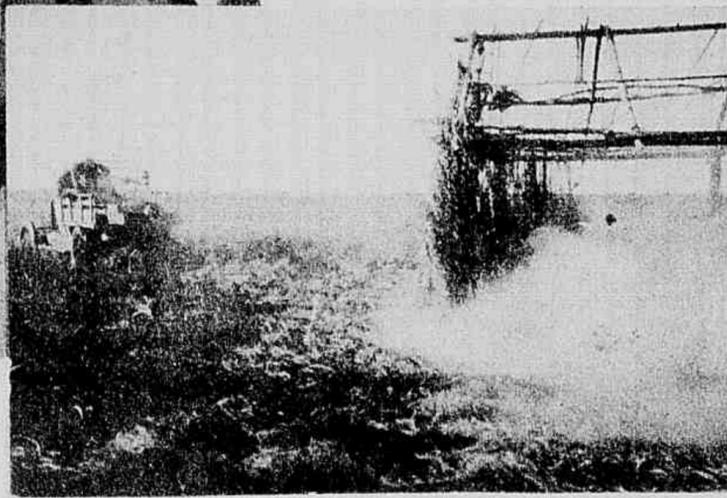
—:—

Paulo Morano foi o galã do primeiro Film da Cinédia — "Labios sem beijos" e depois disso não mais appareceu noutro Film, dando margem á muitos "fans" para julgal-o afastado do Cinema Brasileiro. Mas Paulo Morano não tem parado de dar o seu auxilio á Cinédia, embora o seu trabalho seja desses que "não apparecem" e é ignorado pelos "fans." Ora como "camera-man" ora no desempenho do seu cargo de director secretario da empresa, elle faz jús a admiração de quantos apreciam os esforços de Adhemar Gonzaga para implantar o Cinema no Brasil e tem sido um dos seus mais dedicados companheiros desde a Filmagem de "Barro Humano."

E a sua popularidade é tão grande que ninguem o conhece mais, senão pelo nome do heroe de "Labios sem beijos" razão porque elle teve que denominar a sua nova casa commercial de artigos photographicos de "Laboratorio Paulo Morano." A inauguração ha poucos dias, patenteou mais uma vez a sua popularidade e a sua casa foi transformada em ponto de reunião dos elementos do nosso Cinema. Até as nossas estrellinhas já são vistas frequentemente no "Laboratorio Paulo Morano"! Agora, vocês já sabem que Paulo Morano não deixou o Cinema Brasileiro...

—:—

Carmen Santos

Ivan Villar em "Ganga bruta" da Cinédia.

A "machina de vento" ou a "machina infernal" como a denominaram em Campo Grande, em plena actividade para a Filmagem de "Alma do Brasil", producção da Fam-Film.

Cinema Brasileiro

Pode-se dizer, sem medo de errar, que quasi toda imprensa brasileira já prestigia o nosso Cinema, divulgando o nosso movimento Cinematographico. Tanto no Rio como nos Estados já ha jornalistas preoccupados com a nossa industria de Films, auxiliando-a com o seu apoio. Mas nenhuma folha ainda o fizera de maneira tão decidida e sincera como o "O Radical", o novo jornal que Affonso de Carvalho acaba de lançar. Dizemos decidida porque, por iniciativa propria, elle incluiu no programma do seu jornal o apoio e todo o interesse pelo Cinema Brasileiro. E' digno de um registro especial e "Cinearte" não podia deixar de louvar o gesto sympathico — e porque não dizer? — **brasileiro** de Affonso de Carvalho.

Tambem figura em "Onde a terra acaba".

DECIO MURILLO

Assim são os homens

(A R I Z O N A)

F I L M D A C O L U M B I A

com: *Laura La Plante, John Wayne, June Clyde, Forrest Stanley* e *Nena Quartaro*

Mais uma partida de "base-ball", entre o exercito e a marinha americana... mas desta vez não é em fita natural, onde está "novidade" bem podia deixar de ser Filmada, tão cacete já se tornou...

—oOo—

O grupo naval está vencendo em toda a linha... De repente, o "team" do exercito começa a recuperar o terreno perdido e quem mais está contribuindo para isso é o cadete Bob Denton, da academia de West Point.

E... os cadetes vencem!

—oOo—

O commandante da escola — Bonhan — tambem pae adoptivo do rapaz, abraça orgulhoso o filho. Uma multidão de pequenas, "torcedoras" do "team" dos soldados, acclama Bob. Todas querem lhe ser apresentadas! Entre ellas está uma que já é sua amiguinha ha muito tempo. Mais do que amiguinha: são namorados. E' a encantadora Evalyn, uma morena que tem qualquer cousa das morenas do Brasil, essas maravilhas que muito breve vão ser um dos encantos do Cinema Brasileiro...

—oOo—

O namoro de Evalyn e Bob, entretanto está por terminar, com grande pesar para a moça que nestes dois annos em que namora o rapaz, já começara a amal-o.

Ella percebe que o rapaz não pretende desposal-a. E disso ella tem certeza, quando elle lhe pede para esquecel-o.

Evalyn disfarça uma lagrima que não puderá conter e acceita a separação.

—oOo—

O destino, porém, tem caprichos e não permitte que a pequena possa esquecer o namorado, fazendo com que elle se cruze na vida da moça de um modo interessante, que serviu tambem para mostrar a Evalyn, que Bob gostava della...

—oOo—

E' que o Coronel Bonhan, convivendo com Evalyn, dedicando-lhe amisade sincera, e ignorante do namoro que existira entre ella e o filho, depressa se apaixona pela moça e deseja fazel-a sua esposa.

—oOo—

Evalyn acceita a proposta de casamento. Ella não o ama o velho, mas ha muito que o estima e admira, pelas suas qualidades de coração. O amor virá depois. No Brasil é muito commum as mocinhas casarem-se com velhos, aproveitando "bons partidos"... pois Evalyn pensava como algumas de nossas patricias!

—oOo—

E a moça tambem não quiz perder a opportunidade de vingar-se, assim, de Bob, que tão ingrato lre fôra...

—oOo—

O novo casal vae residir em Arizona, para onde o Coronel fôra transferido agora.

Por uma circumstancia qualquer, Bob não fôra ao casamento do pae. Por outro lado, elle julgava que a noiva devia ter assim uma especie de Marie Dressler... longe de imaginar que a desposada fôra a sua ex-namorada.

—oOo—

O destino, entretanto, se encarrega de fazer com que Bob tenha a grande surpresa, mezes depois do casamento do pae! O rapaz é transferido para Arizona, voltando assim a ser, outra vez, commandado do Coronel Bonhan...

—oOo—

Elle não póde conter o espanto que a presença de Evalyn ali lhe causa. Espanto, e que demonstra ciumes... e ciumes demonstram amor (sem querer recordar um Film de Bryant Washburn e Wanda Hawley, lembram-se?)...

Bob procura entender-se com a moça e ouve-lhe duras verdades.

— Não ha razão para elle achar interessante o casamento della... Elle não a libertou de qualquer compromisso?! Perdera-a porque quizera... Ella já lhe havia declarado o seu amor...

Casara-se com o Coronel como se casaria com qualquer outro homem. Que razões existiam para ella deixar o agora, ella vivia para o marido. Amava-o, até!

—oOo—

Bob se resigna. Que remedio havia senão isso! Mas, intimamente, elle não acredita que Evalyn ame, na verdade o pae. Aquillo fôra vingança da pequena. Ora, se não! Sem perder á esperança de algum dia ainda possuir Evalyn, elle resolve "dar tempo ao tempo"...

—oOo—

Com o Coronel e Evalyn, residia a irmã desta ultima — "Bonita". Assim que Bob a conheceu, gostou della. Ella gostou delle e... não demoraram muito a amarem-se mais apaixonadamente do que Greta e John Gilbert, nos velhos tempos, durante aquelle Film...

—oOo—

Uma tarde o rapaz solicita do pae uma licença para um passeio aereo, em local distante. O pae dá-lhe a licença. Do vôo tambem participará Bonita...

E o avião sóbe, sem ninguem suspeitar o fim daquella viagem...

—oOo—

O passeio não era passeio... entretanto. O casal rumara ao Mexico e quando voltaram eram marido e mulher...

—oOo—

E o casamento continuou ignorado de todos. Era "secreto"...

—oOo—

Certa occasião em que Evalyn voltava para casa em seu automovel, encontra-se com Bob que viajava noutro carro, em companhia de uma pequena, evidentemente embriagada, em attitudes nada recommendaveis.

A surpresa fal-a crêr que Bob não se regenerou dos vicios que possuia ao tempo em que era seu namorado.

E conhecedora do namoro forte delle com a irmã, decide intervir para evitar que elles se casem.

—oOo—

Ignorava ella que Bob apenas estava se prestando a conduzir aquella pequena á sua casa sem outros intuitos senão os de soccorrel-a, pois elle a encontrara naquelle estado lastimavel, abandonada...

—oOo—

Em casa elle procura explicar isso a Eva-

(Termina no fim do numero).

Hollywood, cidade do

Mas... será preciso escrever que o porteiro do Studio não deixou José Bohr entrar...?

—:—:—

O heroe de "Asi és la vida" (não ha nenhuma alusão aqui, citando este Film — foi um dos peores que já vi...), não desanima e vae ao bungalow da pequena. Não é recebido, já se sabe. Mas Bohr está decidido naquelle dia. Ha de falar com Nancy Drexel, custe o que custar! Não é questão de gentileza do lenço: elle já está apaixonado por aquella estrellinha!...

—:—:—

Então José Bohr sobe por uma daquellas escadas de ferro que vemos por fóra das casas, nas fitas americanas. Justamente quando abria uma janella para entrar, Nancy Drexel, passava pelo compartimento. Elle se explica. Ella sorri... José Bohr mette a mão no bolso para tirar o lenço e não encontra — perdera na subida... Sorriso de José Bohr... Sorriso de Nancy Drexel... E o protagonista de "Sombras de Gloria" volta para a casa ainda mais apaixonado pela moça...

—:—:—

José Bohr agora está impaciente naquella sala "celebre" do "casting" do Studio... as horas vôam e a porta do escriptorio do director de elencos não se abre!

Entretanto uma opportunidade surge para o rapaz aproveitar... E' uma productora que entra na sala! Miss Helen Gordon, que parece envolta num ar de romance e imaginação...

José Bohr não perde tempo e apresenta-se á

(Hollywood, ciudad de ensueño)

JOSÉ BOHR	JOSÉ BOHR
ALICE DREXEL	NANCY DREXEL
MME. HELEN GORDON	LIA TORÁ
GUIDO MILANI	DONALD REED
Director	Enrique Acosta
Consuelo	Elena Londeros
Cesar	Cesar Vanoni
"Extra"	Nicanor Molinare
Assistente do Director	Luis Diaz Flores
Cantante	Samuel Pedraza
Director de Orchestra	Carlos Molina

Film da Universal

Dirigido por George Crone

—:—:—

Glorioso amanhecer... No salão de musica do navio, ouvem-se as notas noltalgicas de um tango...

Um passageiro que de relogio na mão, conta os minutos que o navio levará para encostar no porto...

Los Angeles!

—:—:—

José Bohr vencera um concurso de photogenia, promovido por uma fabrica de fumos. Criara fama... Sonhava com o Cinema, ha muito tempo... Aquella opportunidade que lhe dava o "nome" vencedor do concurso, não podia ser desprezada. E por isso elle pisava agora a cidade que tem um bairro que é a capital do Cinema falado... (Se não fosse o Cinema falado, José Bohr nunca faria Films!)

—:—:—

Ao desembarcar elle toma um taxi, sem perda de tempo. Rumo á Hollywood...

E durante a longa viagem, fica amigo de Cesar, o chauffeur do taxi.

A sua primeira noite em Hollywood! Lá estava elle, no meio de uma verdadeira multidão de curiosos, que "espiavam" a chegada das estrellas e dos astros... Ao Ambassador Club.

Nancy Drexel, aquella linda lourinha que era a namorada de Barry Norton nos "4 diabos", ao descer do automovel, perde o lenço...

—:—:—

Bohr não perde este detalhe interessante... apanha o lencinho e, como elle assistira aquelle Film de Murnau, e conhecia Nancy... chama-a para entregar-lhe o objecto perdido... Inutilmente. Nancy "não dá confiança"... Elle tenta penetrar no Ambassador, mas um policial o impede. José Bohr decide ir ao Studio, no dia seguinte, para falar com Nancy Drexel...

Lia Torá! Lia Torá entretanto faz com José Bohr o mesmo que William Fox lhe fazia... Não tem tempo para perder com um... "extra"!

—:—:—

Miss Helen Gordon dirige-se a um dos "sets" onde está em Filmagem a sua nova producção, cuja estrella é a Nancy dos sonhos de José Bohr. E o galã é um tal Guido Milani, grande protegido da productora... Este cavalheiro pretende conquistar a estrellinha, que apesar de loura não está em "Ganga bruta"... mas Miss Gordon não vê com bons olhos essa pretenção do seu "afilhado"... Ella presenciou algumas attitudes "don-juanescas" de Guido e diz-lhe que precisa falar-lhe, quando terminar a Filmagem, no seu escriptorio particular...

Emquanto isto, José Bohr consegue illudir a vigilancia do "casting-director" e do porteiro e penetra no "set", disfarçado em "garçon"...

Ahi Miss Gordon tem opportunidade de notar a sua photogenia e vê logo uma "chance" para tirar do elenco o impertinente Guido Milani, aproveitando José Bohr para substituil-o.

—:—:—

Convida-o a fazer um "test", do qual José Bohr sahe-se admiravelmente.

—:—:—

Finalmente José Bohr — que se achará presente á "primeira" de "Hollywood cidade

sonho

do Sonho", entre nos — satisfaz o seu desejo immenso de trabalhar com Nancy Drexel e "amal-a", mesmo que isto fosse só "em fita"...!

—:—:—

Tempos depois José Bohr attinge o "stardom", como diz um chronista carioca... e não se esquece do seu velho amigo Cezar, o chauffeur do taxi, que elle conheceu ao chegar á cidade do Cinema, fazendo-o seu camareiro. E Miss Gordon começa a mostrar um grande interesse pelo novo artista, que entretanto não corresponde ao amor que a productora lhe manifesta. Elle deve-lhe a fama, mas ama apaixonadamente, Nancy Drexel e agora ella é a sua noiva!

—:—:—

Por outro lado, Guido Milani, despeitado, procura intrigar José Bohr com a productora para fazer com que Nancy rompa o noivado com o artista.

De madrugada, chegam á cabana, Miss Gordon e Guido, que perguntam ao casal a significação daquillo. José, se apressa em participar que não existe mal algum naquella situação imprevista. Demais elles pretendem casar-se no dia seguinte...

—:—:—

Ao chegarem ao Studio, Miss Gordon, ferida em seu amor proprio, arranja um geito de comprometter José Bohr, fazendo com que Nancy caia na cilada. E tão bem a productora, arranja as "cousas" que a estrella rompe com o noivo, sem querer ouvir-lhe explicações...

—:—:—

José Bohr abandona a empresa de Miss Gordon.

E inutilmente tenta falar com a sua querida Nancy. Para elle tudo acabou em Hollywood!

Como ultimo trabalho para finalizar o seu contrato, Miss Gordon põe-no, propositalmente, em scenas amorosas com Nancy Drexel...! A frieza com que ella representa as scenas, ferem-no ainda mais. E o bom artista que elle era, transforma-se no mais inexpressivo dos actores...

—:—:—

O "unit" vae em "location" para um deserto. Ao regressarem á tarde, o automovel em que viajavam José Bohr e Nancy Drexel, soffre um desarranjo e elles tem que passar aquella noite na estrada.

A providencial cabana, existente nas proximidades do local... agazalha o casal. E como sempre, esta "cabana" não tem dono, mas tem café, pão, etc., tudo o que é necessario para os heroes... Mas apesar da paixão que o domina, José Bohr refreia os impulsos do seu amor, mesmo deante dos beijos tentadores da pequena. Ella é, para elle, o seu maior amor. Elle respeita-a sagradamente!

Sem trabalho, desilludido, apaixonado... José Bohr procura o esquecimento de Nency, na bebida e na companhia das mulheres mais degradadas... Sem dinheiro para pagar o aluguel de casa, levam-lhe mobilia e tudo o que elle tem! Cezar é quem o auxilia, no que lhe é possivel, com o producto do seu taxi.

—:—:—

Para viver, resolve ir buscar trabalho nos Studios, novamente. Mas elle cahiu muito! Ninguem o quer! Nem para "extra"...

Miss Gordon acompanha a sua infelicidade e o vê um dia, arrumando as malas para regressar á America do Sul.

Ella que ainda não poude dominar a paixão que sente por elle, supplica-lhe que fique. Ella o ama com sinceridade. Foi um grande amor quem dictou tudo o que ella fizéra para afastal-o dos braços de Nancy.

José Bohr não céde! Elle não a ama e jámais lhe perdoará o seu procedimento, roubando-lhe a noiva...

—:—:—

Comprehendendo que será inutil conquistal-o, Miss Gordon se volta para Guido, ao mesmo tempo que escreve uma carta á Nancy, confessando-lhe a verdade.

—:—:—

Arrependida Nancy, vae procurar o noivo, mas não chega a tempo de encontral-o no cáes.

O navio já se afasta e ella nem ao menos consegue ver pela ultima vez a physionomia abatida, humilhada daquelle homem que tanto a amára...

E Nancy Drexel com os braços estendidos para o mar, chora a perda do seu unico amor, que deixava a "cidade do sonho", desilludido como quasi todos quantos lá aportam...

—:—:—

O "que não ha remedio, remediado está"...

O que se passou em Shangai durante seus tenebrosos dias de lutas e tragedias? Ronald Colman pode contar, melhor do que muita gente. Elle estava lá, então, e presenciou muita cousa interessante para contar aos *fans* que, como bons *fans*, só acreditam nas palavras de seus *astros* e *estrellas* preferidos.

Um dos seus ultimos portos de escala da viagem recente de cinco mezes que elle fez ao redor do mundo, Shangai, a cidade mais rica da China e porto conhecidissimo do mundo todo, foi dos ultimos por elle percorridos. Poderá tambem contar a differença de vida que vae dali para o Japão, bem pouco distante dali. Tambem narrar, na sua fórma brilhante, o que é, hoje, a vida de cidades capitaes como: Berlim, Vienna, Roma e outros locaes por elle visitados.

— Shangai bem podia ser a "Cidade dos Mortos"...

Começou elle a narrar:

— . . . depois das dez horas da noite. Não se ouvia o ruido de um motor. Nem de passos. Nem uma sombra a escorrer por qualquer rua ou canto de rua. Tudo sombras e silencio, naquella immensa cidade.

Tambem descreve elle, rapidamente, com brilho, o que a guerra tem feito para aquella cidade, o soffrimento daquelle povo e o local do unico abrigo seguro que elles sempre encontraram, onde se achava a esquadra dos estrangeiros, a protegel-os dos massacres, isto no Rio Whangpoo. Ali é que se fixa a Concessão Internacional, onde se albergaram, então, cem mil europeus, americanos tambem, que embora não officialmente presos, dali

Ronald encontrou Richard Barthelmess, no Japão, visitaram um studio, e viram "estrellas" japonezas...

O que Ronald Colman conta da China...

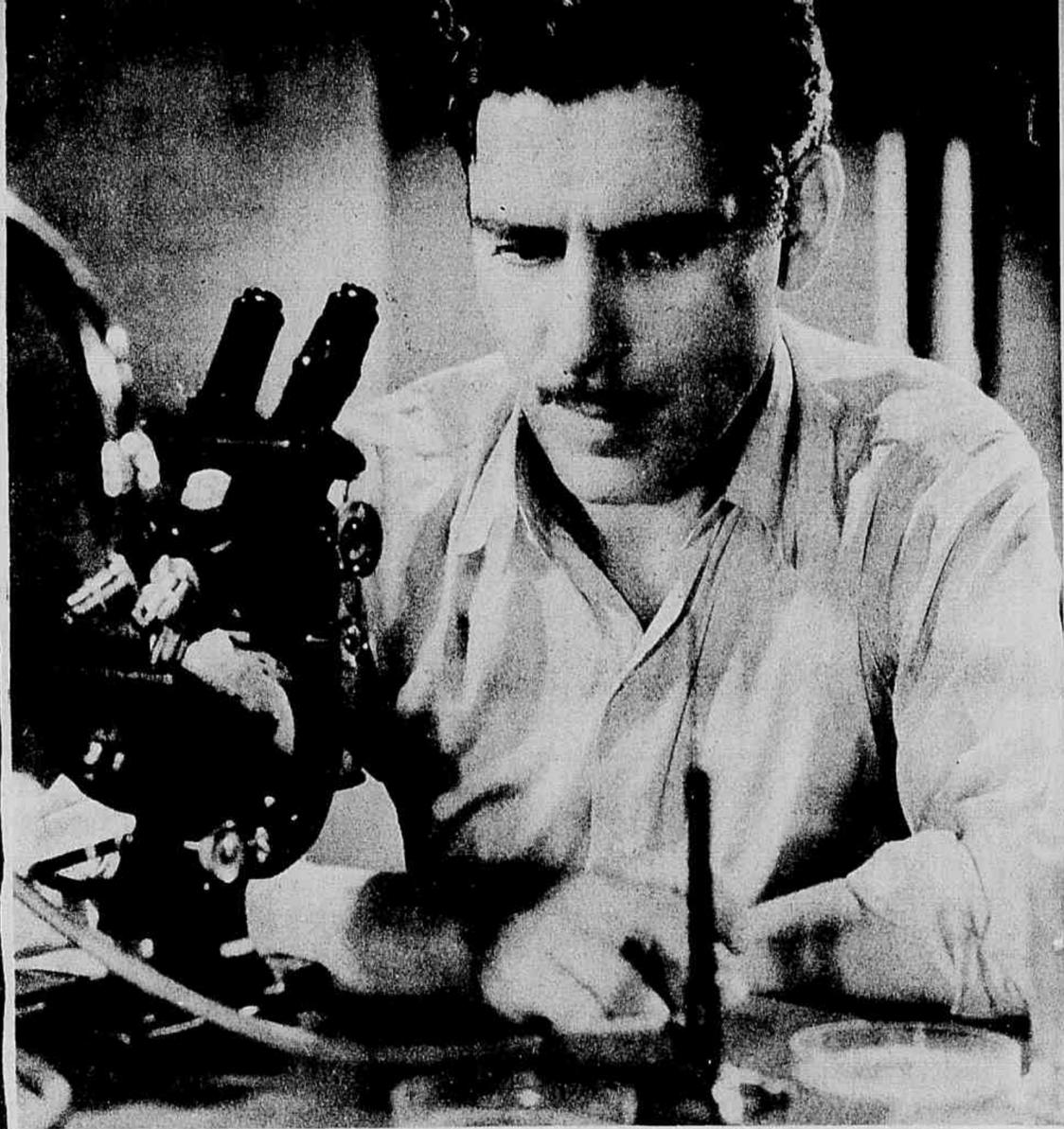
não se podiam mover durante aquelle periodo. Dentro da Concessão Internacional, Shangai, a "perola do Oriente", apresenta algo de vida e agitação. Fóra, no emtanto, no silencio e na desgraça que se sente, muito vae na China mysteriosa que ninguem sabe comprehender. Dentro dessa Concessão, com mil europeus e americanos dominam a situação de um milhão de chinezes que ali se albergam. Fóra, no emtanto, é a guerra. Tudo isso elle narrou syntheticamente e proseguiu:

— Quando eu cheguei a Shangai, logo senti que havia guerra. Mesmo que não soubesse, sentiria, como você havia de sentir e qualquer outra pessoa tambem. Nem tanto pelo rumor dos canhões distantes, como, principalmente, pelo commercio integralmente fechado e um aspecto tetrico por todas as ruas da cidade. Todo homem que esteja dentro da Concessão tem o seu instante de dever: — vigiar, das fortificações, a approximação ou não de elementos subversivos ou atacantes. Os negocios, todos paralysados. O ruido da cidade, durante o dia, não permitte ouvir com nitidez o ruido do combate distante, mas quando desce a noite — dez horas, principalmente — ahi então, ouvia-se nitidamente o bombardeio feroz, distante. Estive ali justamente quando os fortes Woosung eram bombardeados. Francamente, até hoje não sei como foi que resistiram tanto tempo contra o ataque feroz pelo mar, pelo ar e por terra.

— Sei que por aqui correu uma historia que me deu como prisioneiro, em Shangai, por ter sahido da Concessão depois da sereia annunciar as dez horas. A primeira cousa que o estrangeiro aprende, ou antes, aprendia em Shangai, naquelles tempos, era saber que a sereia soava ás dez horas. Ninguem quebrava essa determinação. Minha prisão, sem duvida, deu uma excellente historia a quem a escreveu. Infelizmente, no emtanto, tenho que desmentil-a: — não foi verdade.

— Os restaurantes fechavam-se ás nove ou nove e meia. A' noite não funccionavam theatros e nem Cinemas. Durante a minha estadia lá, um Hotel annunciou um baile, que iria das nove da noite até á madrugada. Quem fosse, entraria e, depois da sereia soar, só poderia sahir pela madrugada, quando a policia consentisse no reinicio do trafego. Qualquer festa ou "farra", portanto, teria que durar a noite toda.

— Todos, na Concessão, no emtanto, levavam a guerra como cousa philosophica. Ouvi muito pouca queixa. Aquella gente já conhecia perfeitamente o "officio" e, portanto, ninguem ali ignorava cousa alguma daquella "arte"... A muralha que separa a Concessão do restante de Shangai foi feita a tempo e mantida tem sido até hoje. Diga-se, no emtanto, que foi erguida para conter os impetos dos proprios chinezes que viviam brigando entre si e nunca com a idéa de ter que resistir ao impeto bellico do Japão.

— Eu sahia com meus tios e primos que vivem em Shangai e aos quaes eu visitei, para visitarmos as barricadas que, na Concessão, eram collocadas em posições estrategicas. Pelas ruinas de Chapei, proximas ás mesmas, a luta era intensa e continua. Da protecção das barricadas, viamos, nitidamente, combates a arma branca e a poucos passos de nós. Dentro, no emtanto, estavamos sempre a salvo. Todos os dias, no emtanto, entravam centenas de mulheres e creanças que vinham em demanda de protecção.

— Tivemos, vendo, provas de que os aviadores japonezes são infalliveis, pode-se dizer, nas suas pontarias. Formidaveis! Havia uma rua que separava a Concessão do bairro dos Chinezes. Chapei para lá e nós para cá. Pois elles voavam, atiravam bombas de poucos kilogrammas e atiravam-nas com tal perfeição, que as casas chinezas do lado fronteiro eram totalmente destruidas, com grande morticinio e nem siquer um retalho de granada chegava até a nós! Chegámos a vêr, varias vezes, buracos de granadas a pouquissimos passos da Concessão que, no emtanto, foi sagradamente respeitada. O Japão, é logico, não iria dar aos Alliados ali conjugados em força maritima possante, razão alguma para intervir naquelle "negocio" particular.

— Qualquer um que viva na China acostuma-se perfeitamente ás situações imprevistas e emocionantes. O caso é, no emtanto, que todo mundo está ficando cansado de tantas emoções... Falei a varios europeus e america-

(Termina no fim do numero).

Miriam Marsh e Warren William em "Beauty and the Boss", da Warner Bros.

Dorothy Jordan

Rose Hobart

Karen Morley

Juliette Compton

Leila Hyams

UNA...

Una Merkel não é lá muito nossa conhecida, mas a sua historia não deixa de ser interessante. Una Merkel é aquella pequena tagarella, amiga de Jeanette Mac Donald em "Não aposto nas mulheres."

Nós conversámos longamente sobre os soberbos
talentos artisticos de Barbara Stanwyck e Helen Hayes.
("Nós", Una Merkel e eu, que a estava entrevistando).
Depois ella me disse, ainda sobre o assumpto:

— Encoraja-me conhecer os menores detalhes dos
successos de ambas. Digo isso, porque não me posso
comparar ás verdadeiras pequenas bonitas do Cinema
e como Barbara ou Helen igualmente não o são, animo-
me muito. Quando as qualidades artisticas são estu-
pendas, a belleza não se faz sentir tanto.

— Quando vim para cá ha dois annos, mais ou me-
nos, tinha a certeza de que minha carreira diante de
uma "camera" não iria além de um Film. Tinha a ab-
soluta convicção, mesmo, de que os **fans** que me vis-
sem a primeira vez, jamais pediriam uma segunda de-
monstração... O que hoje observo, no emtanto, é que
durante esses dois annos já figurei em quinze Films.
Palavra, isso, para mim, tem sido um estimulo recon-
fortador de todos meus pavorosos desanimos: —
quinze Films!

Mas que diabo será isso? Desanimo? Sentimento
declarado de inferioridade? Nada disso, meus amigos.
Una Merkel o que é, apenas e simplesmente, é modes-
ta, mas nada dessa modestia forçada e fingida e, sim,
authenticamente modesta e bem por isso é que se enthu-
siasma tão ardentemente pelo numero de Films feitos
que já tem. Ella não só não se acha admiravel e nem
pensa em semelhante cousa, como e principalmente,
jamais deu um só minuto de seus pensamentos a essa
futilidade. A's vezes esse modo de proceder dá em des-
gostos profundos neste seu caso: — esperava o fra-
casso e teve o successo.

Adjectivos como estes, fascinante, seductora, ex-
otica, mysteriosa, devem ser usados para creaturas
que tenham sobrancelhas futuristas. Para Una Mer-
kel, bastam estes: — bonita, graciosa e meiga. O que
de mais bonito ella tem, são aquelles immensos olhos
azues, os cabellos de um loiro compacto e o sorriso
simples e tão sympathico. Seu physico não é primoro-
so. Apenas elegante.

Biographicamente, ella é assim: — Nasceu em
Covington, Kentucky; tem vinte annos de idade; cer-
ca de um metro e setenta de altura; pesa o sufficiente,
nem mais e nem menos; inclinações para o sol e affei-
ções; educação primorosa; mentalidade acima do com-
mum; moral excellente!

Vou escrever,
aqui, que Una dedi-
ca-se á leitura e o faz
com intensidade e
paixão, mesmo. Mas
peço, desde já, que
ninguem se ria mal-
dosamente disso, cou-
sa dita tantas vezes e
de tantas "estrellas".
Sei, ainda, que na
maioria dos casos não
ia nada além de men-
tira e apenas "tapea-
ção" para o publico,
mas desta vez a cou-
sa é seria e uma ver-
dade, mesmo. O livro
que a encontrei len-
do, mas lendo de ver-
dade e não por publi-
cidade porque ella
nem siquer sabia
que eu a ia entre-
vistar, foi "Unders-
tanding India", de
Gertrude Marvin
Williams. Não o ti-
nha lido, ainda, ape-
sar de sabel-o optimo.
Una fez-me delle uma
descripção tão admiravel e intelligente, que confesso,
inutil será lel-o. Além disso a sua observação sobre o
que lê é sempre sensata e denota cultura.

Falamos muito sobre a vida della e alguma cousa
do que seus labios proprios me contaram, interessa e
aqui reproduzo.

— Vivi em Covington até meus oito annos de ida-
de. Papae, depois disso, viajante que era, começou
uma serie de negocios pelo Sul todo e em seguida pela
Europa. Sendo eu sua filha unica e, assim, não tendo
complicação alguma, Papae levou-me com elle e Ma-
mãe nos acompanhou, é logico. Annos depois, acampa-
mos em New York. Digo acampamos, porque não era
sem tempo a estabilização das nossas continuas e aven-
turescas mudanças de Cidade para Cidade, Paiz para
Paiz. Lá, já ha tempos tendo sentido em mim a voca-
ção para a arte de representar, inscrevi-me, com con-
sentimento de meus Paes, numa escola dramatica, bôa,
proxima de onde residiamos. Minha professora soube
da representação do **Hamlet** e suggeriu que eu me ins-
crevesse entre aquellas que candidatas se tornassem ao
papel de Ophelia. Não deixava de ser uma opportuni-
dade magnifica, é certo, mas a complicação, commigo,
é que não sabia para quem appelar, para isso e nem a
quem me dirigir. Papae e Earl Carroll tinham escrip-
torios no mesmo predio. Sendo Earl empresario thea-
tral, pedi a Papae que lhe falasse a respeito da tal re-
presentação da peça de Shakespeare e lhe perguntas-
se onde se realizaria, o que elle naturalmente havia de
informar. Quando Papae voltou do escriptorio delle,
disse-me, francamente: — "Menina, acho melhor você
ir indo para casa e desistindo disso! Quem vae inter-
pretar o Hamlet, na peça, é John Barrymore".

Na verdade ella não representou o papel de Ophe-
lia ao lado de Barrymore, mundialmente tido como o
mais perfeito de todos os Hamlet. Conseguiu, no em-
tanto, alguns bons contractos. Durante seus cinco an-
nos de actividades pelos palcos new-yorkinos, figurou
nas seguintes peças: — "Pigs", "Two by Two", "Salt
Water", "The Gossip Sex" e, ao lado de Helen Hayes,
em "Coquette", que Mary Pickford mais tarde viveu
em Film. (E, diga-se, com tremendo fracasso!)

Um dia ella pensou em Hollywood. A idéa, diante
das pequenas maravilhosas que ella sempre via em
Films, fugiu-lhe espavorida da cabeça. Sua modestia
jamais pensou no papel de Ann Rutlexge que David
W. Griffith lhe deu, em **Abrahão Lincoln,** ao lado de
Walter Huston, o protagonista. Depois desse papel
triste e tragico, mesmo, Una não mais figurou em dra-
mas. Pouco a pouco transformaram-na em artista de
comedias e, hoje, é uma comediante de primeirissima.
(Aqui a jornalista americana omittiu, por não saber
ou por não querer, outra "tragedia" na qual Una fi-
gurou: — **Olhos do Mundo,** um Film que está criando
barbas brancas nas prateleiras da agencia da United
Artists daqui...)

A vida de Una Merkel, presentemente, é uma no-
vidade em cima de outra. A primeira surpreza que ella
fez aos companheiros, foi ser a primeira noiva de Hol-
lywood em 1932, quando contractou casamento com
Ronold L. Burla. O Natal passado ella já o gozou ao
lado da sua familia e do então namorado em Corona-
do, perto de Hollywood.

— Ronnie e eu nos vamos casar assim que seja
possivel, isto é, logo... Jamais me separei de meus
Paes e, assim, o meu aborrecimento unico em tudo
aquillo, era dizer-lhes que eu e Ronnie nos iamos ca-
sar e logo, se Deus quizesse. O dia de anno bom é an-
niversario de casamento dos velhos e apesar de eu não
querer entristecel-os, nesse momento feliz da vida, que
todos os annos celebram com tanta devoção, disse-lhes
que Ronnie estava disposto a fazer de mim sua esposa
o mais cedo possivel. Papae, então, contrariando mi-
nha previsão, alegrou-se muito com o que ouvia e nos
suggeriu que igualmente escolhessemos o dia de anno
bom para celebrarmos nossa união. Como não era
possivel que nos casassemos na California, porque são
precisos tres dias de espera, e, assim, perderiamos a
data e um anno de espera, afinal de contas, não era
muito curto... resolvemos ir para o Mexico e lá ceri-
moniarmos. Não gostamos desse aspecto "Tia Juana"
em nosso casamento, é logico, mas para conseguirmos
o dia primeiro tinhamos que fazer isso e em automo-
vel fomos para lá, com nossas testemunhas, meus Paes.

— De volta, começamos nossa vida de casados na
minha casa e, até breve, continuaremos nella. Tenho
trabalhado muito, ultimamente e, assim, tempo não
encontro para procurar outra casa, moveis, tudo quan-
to precisamos.

Falava ella de seu casamento e eu pensava em dois
dos seus romances mais conhecidos, em Hollywood, o
primeiro dos quaes **terminou** abruptamente e, o se-
gundo, tragicamente, com a morte de seu noivo, isso
no dia de **Natal de 19.0.** Desses romances ella quasi
nenhuma vez fala e **evita,** mesmo, que se toque nesse
assumpto.

Outro caso seu, é que illudiu a todo mundo com
esse seu casamento inesperado. Qualquer pessoa, em
Hollywood, sabia que ella andava num grande namo-
ro com John Arledge (por essas e outras é que Greta
Garbo não dá entrevistas...) e, subito, casa-se ella
com Ronold L. Burla... (Não vamos tentar um troca-
dilho facil, não e isso em homenagem ao leitor...)

Neste caso falamos, ou antes, falei á ella e perguntei
que "fim" dera a John.

— Johnny?... Ora, continuamos os melhores ca-
maradas do mundo. Logo depois de voltarmos do Me-
xico, Johnny e outro rapaz com o qual eu tambem cos-
tumava pessear, procuraram-me em casa e passaram a
tarde comnosco. Ronnie, cançadissimo, recolheu-se ce-
do. O rapaz poz-se a ler um livro e Jonny, commigo,
ficamos jogando "salvo" um jogo que se faz com pa-
pel e lapis.

Do trabalho e das ambições de seu marido, Una
Merkel fala com interesse e orgulho, mesmo. Elle é
aviador instructor, mas, apesar disso, Una jamais che-
gou ás nuvens num apparelho pilotado pelo marido.
Pelo Estado de Montana, o pae de Ronnie foi senador
durante dez annos. As familias dão-se muito e o casa-
mento foi feliz, principalmente pela amisade e pelo
appoio dos velhos de ambos os lados á união...

Dorothy Jordan

Rose Hobart

Karen Morley

Juliette Compton

Leila Hyams

UNA...

Una Merkel não é lá muito nossa conhecida, mas a sua historia não deixa de ser interessante. Una Merkel é aquella pequena tagarella, amiga de Jeanette Mac Donald em "Não aposto nas mulheres."

Nós conversámos longamente sobre os soberbos talentos artisticos de Barbara Stanwyck e Helen Hayes. ("Nós", Una Merkel e eu, que a estava entrevistando). Depois ella me disse, ainda sobre o assumpto:

— Encoraja-me conhecer os menores detalhes dos successos de ambas. Digo isso, porque não me posso comparar ás verdadeiras pequenas bonitas do Cinema e como Barbara ou Helen igualmente não o são, animome muito. Quando as qualidades artisticas são estupendas, a belleza não se faz sentir tanto.

— Quando vim para cá ha dois annos, mais ou menos, tinha a certeza de que minha carreira diante de uma "camera" não iria além de um Film. Tinha a absoluta convicção, mesmo, de que os **fans** que me vissem a primeira vez, jamais pediriam uma segunda demonstração... O que hoje observo, no emtanto, é que durante esses dois annos já figurei em quinze Films. Palavra, isso, para mim, tem sido um estimulo reconfortador de todos meus pavorosos desanimos: — quinze Films!

Mas que diabo será isso? Desanimo? Sentimento declarado de inferioridade? Nada disso, meus amigos. Una Merkel o que é, apenas e simplesmente, é modesta, mas nada dessa modestia forçada e fingida e, sim, authenticamente modesta e bem por isso é que se enthusiasma tão ardentemente pelo numero de Films feitos que já tem. Ella não só não se acha admiravel e nem pensa em semelhante cousa, como e principalmente, jamais deu um só minuto de seus pensamentos a essa futilidade. A's vezes esse modo de proceder dá em desgostos profundos neste seu caso: — esperava o fracasso e teve o successo.

Adjectivos como estes, fascinante, seductora, exotica, mysteriosa, devem ser usados para creaturas que tenham sobrancelhas futuristas. Para Una Merkel, bastam estes: — bonita, graciosa e meiga. O que de mais bonito ella tem, são aquelles immensos olhos azues, os cabellos de um loiro compacto e o sorriso simples e tão sympathico. Seu physico não é primoroso. Apenas elegante.

Biographicamente, ella é assim: — Nasceu em Covington, Kentucky; tem vinte annos de idade; cerca de um metro e setenta de altura; pesa o sufficiente, nem mais e nem menos; inclinações para o sol e affeições; educação primorosa; mentalidade acima do commum; moral excellente!

Vou escrever, aqui, que Una dedica-se á leitura e o faz com intensidade e paixão, mesmo. Mas peço, desde já, que ninguem se ria maldosamente disso, cousa dita tantas vezes e de tantas "estrellas". Sei, ainda, que na maioria dos casos não ia nada além de mentira e apenas "tapeação" para o publico, mas desta vez a cousa é seria e uma verdade, mesmo. O livro que a encontrei lendo, mas lendo de verdade e não por publicidade porque ella nem siquer sabia que eu a ia entrevistar, foi "Understanding India", de Gertrude Marvin Williams. Não o tinha lido, ainda, apesar de sabel-o optimo. Una fez-me delle uma descripção tão admiravel e intelligente, que confesso, inutil será lel-o. Além disso a sua observação sobre o que lê é sempre sensata e denota cultura.

Falamos muito sobre a vida della e alguma cousa do que seus labios proprios me contaram, interessa e aqui reproduzo.

— Vivi em Covington até meus oito annos de idade. Papae, depois disso, viajante que era, começou uma serie de negocios pelo Sul todo e em seguida pela Europa. Sendo eu sua filha unica e, assim, não tendo complicação alguma, Papae levou-me com elle e Mamãe nos acompanhou, é logico. Annos depois, acampamos em New York. Digo acampamos, porque não era sem tempo a estabilização das nossas continuas e aventurescas mudanças de Cidade para Cidade, Paiz para Paiz. Lá, já ha tempos tendo sentido em mim a vocação para a arte de representar, inscrevi-me, com consentimento de meus Paes, numa escola dramatica, bôa, proxima de onde residiamos. Minha professora soube da representação do **Hamlet** e suggeriu que eu me inscrevesse entre aquellas que candidatas se tornassem ao papel de Ophelia. Não deixava de ser uma opportunidade magnifica, é certo, mas a complicação, commigo, é que não sabia para quem appelar, para isso e nem a quem me dirigir. Papae e Earl Carroll tinham escriptorios no mesmo predio. Sendo Earl empresario theatral, pedi a Papae que lhe falasse a respeito da tal representação da peça de Shakespeare e lhe perguntasse onde se realizaria, o que elle naturalmente havia de informar. Quando Papae voltou do escriptorio delle, disse-me, francamente: — "Menina, acho melhor você ir indo para casa e desistindo disso! Quem vae interpretar o Hamlet, na peça, é John Barrymore".

Na verdade ella não representou o papel de Ophelia ao lado de Barrymore, mundialmente tido como o mais perfeito de todos os Hamlet. Conseguiu, no emtanto, alguns bons contractos. Durante seus cinco annos de actividades pelos palcos new-yorkinos, figurou nas seguintes peças: — "Pigs", "Two by Two", "Salt Water", "The Gossip Sex" e, ao lado de Helen Hayes, em "Coquette", que Mary Pickford mais tarde viveu em Film. (E, diga-se, com tremendo fracasso!)

Um dia ella pensou em Hollywood. A idéa, diante das pequenas maravilhosas que ella sempre via em Films, fugiu-lhe espavorida da cabeça. Sua modestia jamais pensou no papel de Ann Rutlexge que David W. Griffith lhe deu, em **Abrahão Lincoln,** ao lado de Walter Huston, o protagonista. Depois desse papel triste e tragico, mesmo, Una não mais figurou em dramas. Pouco a pouco transformaram-na em artista de comedias e, hoje, é uma comediante de primeirissima. (Aqui a jornalista americana omittiu, por não saber ou por não querer, outra "tragedia" na qual Una figurou: — **Olhos do Mundo,** um Film que está criando barbas brancas nas prateleiras da agencia da United Artists daqui...)

A vida de Una Merkel, presentemente, é uma novidade em cima de outra. A primeira surpreza que ella fez aos companheiros, foi ser a primeira noiva de Hollywood em 1932, quando contractou casamento com Ronold L. Burla. O Natal passado ella já o gozou ao lado da sua familia e do então namorado em Coronado, perto de Hollywood.

— Ronnie e eu nos vamos casar assim que seja possivel, isto é, logo... Jamais me separei de meus Paes e, assim, o meu aborrecimento unico em tudo aquillo, era dizer-lhes que eu e Ronnie nos iamos casar e logo, se Deus quizesse. O dia de anno bom é anniversario de casamento dos velhos e apesar de eu não querer entristecel-os, nesse momento feliz da vida, que todos os annos celebram com tanta devoção, disse-lhes que Ronnie estava disposto a fazer de mim sua esposa o mais cedo possivel. Papae, então, contrariando minha previsão, alegrou-se muito com o que ouvia e nos suggeriu que igualmente escolhessemos o dia de anno bom para celebrarmos nossa união. Como não era possivel que nos casassemos na California, porque são precisos tres dias de espera, e, assim, perderiamos a data e um anno de espera, afinal de contas, não era muito curto... resolvemos ir para o Mexico e lá cerimoniarmos. Não gostamos desse aspecto "Tia Juana" em nosso casamento, é logico, mas para conseguirmos o dia primeiro tinhamos que fazer isso e em automovel fomos para lá, com nossas testemunhas, meus Paes.

— De volta, começamos nossa vida de casados na minha casa e, até breve, continuaremos nella. Tenho trabalhado muito, ultimamente e, assim, tempo não encontro para procurar outra casa, moveis, tudo quanto precisamos.

Falava ella de seu casamento e eu pensava em dois dos seus romances mais conhecidos, em Hollywood, o primeiro dos quaes terminou abruptamente e, o segundo, tragicamente, com a morte de seu noivo, isso no dia de Natal de 19.0. Desses romances ella quasi nenhuma vez fala e evita, mesmo, que se toque nesse assumpto.

Outro caso seu, é que illudiu a todo mundo com esse seu casamento inesperado. Qualquer pessoa, em Hollywood, sabia que ella andava num grande namoro com John Arledge (por essas e outras é que Greta Garbo não dá entrevistas...) e, subito, casa-se ella com Ronold L. Burla... (Não vamos tentar um trocadilho facil, não e isso em homenagem ao leitor...)

Neste caso falamos, ou antes, falei á ella e perguntei que "fim" dera a John.

— Johnny?... Ora, continuamos os melhores camaradas do mundo. Logo depois de voltarmos do Mexico, Johnny e outro rapaz com o qual eu tambem costumava pessear, procuraram-me em casa e passaram a tarde comnosco. Ronnie, cançadissimo, recolheu-se cedo. O rapaz poz-se a ler um livro e Jonny, commigo, ficamos jogando "salvo" um jogo que se faz com papel e lapis.

Do trabalho e das ambições de seu marido, Una Merkel fala com interesse e orgulho, mesmo. Elle é aviador instructor, mas, apesar disso, Una jamais chegou ás nuvens num apparelho pilotado pelo marido. Pelo Estado de Montana, o pae de Ronnie foi senador durante dez annos. As familias dão-se muito e o casamento foi feliz, principalmente pela amisade e pelo appoio dos velhos de ambos os lados á união...

Diz a descripção que temos á vista, que o heroe deste Film da Sono-Art, é um cavalheiro que possuia uma baratinha, frequentava um café muito divertido e era um conquistador inveterado...

—oOo—

Um dia em que elle passeava alegremente, pelas margens de um rio, viu, por entre as arvores um vulto de mulher que parecia estar procurando um suicidio...

Tal quadro triste, veiu perturbar a alegria do rapaz, que parando o carro, delle saltou, correndo em direcção do local em que se achava a pequena...

—oOo—

Sim, era uma bonita pequena e a moça não deu tempo para que o rapaz lhe falasse, precipitando-se nas aguas do rio, num gesto de evidente desespero.

(COCK O' THE WALK)

PRODUCÇÃO DA "SONO-ART"

com: *Joseph Schildkraut, Myrna Loy, Phillip Sleeman, Edward Peil, John Beck, Olive Tell, Wilfred Lucas, Frank Johnson, Sally Long* e *Nathalie Joyce.*

Director: — *R. W. Neil*

O Seguro do Amor

Carlos Lopez, assim se chamava o rapaz, não titubeia e lança-se ao rio, segurando a moça e trazendo-a para a terra.

Ella nega-se a confessar-lhe porque tentára matar-se e sorrindo, instantes após, diz-lhe que está arrependida do que fizera. Agradece-lhe tel-a salvo e depois offerece-lhe um beijo...

—oOo—

Carlos a leva para o seu quarto, e fal-a tirar a roupa molhada, dando-lhe uma roupa delle, emquanto o calor do fogo da lareira secque o vestido della... Narita, como era o nome da pequena, está cansada. Manifesta o desejo de repousar. Elle a deita no sofá, beija-a e diz-lhe que quando accordar, naturalmente a roupa já estará secca, então, ella se retire. Elle vae continuar o seu passeio...

—oOo—

Chegado ao café que costumava frequentar, como de costume, Carlos, "passa em revista", com os olhos, todos os "angulos" da sala. E descobre uma cara nova... Nova conquista que elle consegue, instantes depois! E' Paulina...

—oOo—

Chega-se para mesa della e quando está no mais agradavel da conversa, vê entrar outra das suas namoradas — Rosa, a mulher de Vallejo, que vem acompanhada do marido...

—oOo—

O acaso quiz que elle conhecesse, nessa mesma occasião um cavalheiro que fôra o amante de Narita. Carlos, porém, ignorava esse detalhe da vida da mulher que elle salvara do suicidio.

Rosa, mesmo na presença do marido, queixa-se a Carlos que elle a está abandonando. O marido ultrajado exaspera-se e... o microphone registra o estalido de uma bofetada que Carlos manda ao rosto de Vallejo...

—oOo—

Depois disso Carlos convida Paulina para se retirarem daquelle ambiente. E suppondo que Narita já deve ter ido embora de sua casa, elles se dirigem para lá. A presença da pequena que a despeito de já estar rehabilitada do cansaço e já vestida nas suas roupas... ainda se achava em casa de Carlos, desagrada á Paulina. E ella não quer ouvir explicações... Retira-se, indignada.

—oOo—

Carlos indigna-se tambem, com Narita. Ella estava "atrapalhando" a sua vida... Vae mandar a moça sahir dali, quando se lembra que isso talvez contribuisse para que fosse tentar suicidar-se novamente...

(Termina no fim do numero).

MARY KORNMAN

Nos tempos de "estrella" das comedias infantis da "Our Gang"...

casa da amiga, é ella, insistindo e achando que era, naquelle caso, mais do que um dever profissional e, sim, uma delicadeza que elle prestaria em homenagem á ella.

Bertier, no emtanto, resolve ser um marido modelo. Apesar de Mitzi o fascinar, Colette continua sendo seu verdadeiro amor e elle resolve-se ao "sacrificio" de regeitar a todas as fascinações da perigosa criatura que, de tão meiga, tornava-se um peccado que elle tinha pena de não ter para si...

Colette offerece uma recepção, em casa e colloca Mitzi justamente ao lado do esposo. Mas Bertier, dentro da sua resolução, troca o cartão della pelo de "mademoiselle" Martel. Colette, percebendo a manobra, julga a cousa a seu modo. O marido recusava-se a permanencia ao lado de sua amiga, porque planejava um romance com aquella pequena e, possivelmente, um romance que já vinha de longe...

nio da phantasia colher tormentos e ciumes para seu coração de esposa apaixonada...

Travam discussão. Colette, é a imagem do ciume, da furia. Bertier, a corporificação da innocencia... marital. Da discussão, contrariando o dictado, não nasce a luz e Bertier, indignado com aquella supposição da esposa, justamente o contrario do que era verdade, atira-se com Mitzi para seu appartamento e não o faz em caracter profissional...

Adolph, cortejador de Colette, não perde um lance do drama. Meio tolo e meio cretino, não ousa nada. Apenas a observa de longe. Colette, regressando da discussão, no emtanto, vem disposta a se vingar. O primeiro que encontra é Adolph. Sabe que elle de nada adianta para seus fins. Mas apanha-o, assim mesmo e talvez por isso mesmo e permitte que elle, morto de alegria, lhe dê um beijo apaixonado. Logo depois revolta-se e despede-o violentamente, cahindo em pranto intenso, como se, naquelle momento, se sentisse mais culpada do que o marido que, naquelle instante, com certeza estava nos braços de "mademoiselle" Martel...

Uma hora com

(ONE HOUR WITH YOU)

FILM DA PARAMOUNT

Maurice Chevalier .... *Dr. André Bertier*
Jeanette Mac Donald .... *Colette Bertier*
Genevieve Tobin .... *Mitzi Olivier*
Charlie Ruggles .... *Adolph*
Roland Young .... *Professor Olivier*
George Barbier .... *Commissario de policia*
Josephine Dunn .... *Mademoiselle Martel*
Richard Carle .... *Detective*
Charles Judels .... *Policial*
Barbara Leonard ...... *A criada de Mitzi*

Director: — *George Cukor*
Supervisão e orientação geral: — *Ernst Lubitsch*
Scenario: — *Samson Raphaelson*
Operador: — *Victor Milner*

O caso da direcção deste Film é o tal que Gilberto Souto já nos explicou bem em "Hollywood Boulevard" de um dos numeros passados. George Cukor, aliás, está "refrigerando-se" do "tempo quente" na RKO-Pathé, onde vae dirigir um Film para Constance Bennett. A direcção foi sua e Lubitsch orientou os trabalhos. Logicamente Lubitsch cooperou efficientemente e melhorou de muito o Film que, só nas mãos de Cukor, seria apenas razoavel. Mas o facto é que Cukor dirigiu e isso nem o proprio Lubitsch poderá negar.

—oOo—

O dr. Bertier, na extensão scientifica do termo e mesmo pessoalmente, não era um "medico para senhoras". Era arisco, mesmo, ao sexo fraco e embora fosse elle o seu fraco, resistia em homenagem á fidelidade e ao amor que tinha á esposa, a linda, meiga, amorosa e adoravel Colette, cujo unico defeito era ser extremamente puritana e absolutamente familiar em tudo quanto fazia e pensava.

E assim continuava, a espera do destino, a vida pacata e calma do dr. André Bertier. Um dia, no emtanto, sem que o quizessem, Mitzi Olivier e o medico encontraram-se casualmente dentro de um taxi que ambos tomaram pelas portas oppostas. Não se conheciam. Nella havia aquelle "algo" que elle desejaria para a sua Colette. Mitzi era cheia de maneiras muito femininas, arroubos de um sentimentalismo fingido, mas gostoso como o perfume que inebria e passa depressa... Bertier, nos curtos instantes da conversa, deixou-se inebriar...

—oOo—

Dias depois, no emtanto, teve uma visita, em casa, que o aborreceu e o alegrou, a um tempo. Era Mitzi. Amississima de Colette, sem que elle o soubesse, mais emocionada ficou quando soube que André Bertier era marido della... E se até ahi tivera a simples idéa de um "flirt" com o medico moço e sympathico, dali para deante o quiz para si e não achou nada melhor do que ser elle esposo de sua melhor amiga, entrando, assim, para praxe usual...

—oOo—

O mais culpado disso tudo era o Professor Olivier, esposo de Mitzi. Era elle que procurava os menores motivos para poder livrar-se da esposa e, assim, nada mais fazia ella do que corresponder ao abandono. Além disso, um detective não a deixava um só instante, seguindo-a por todos os recantos. Até ali, tudo estivera calmo. Dali para deante, no emtanto, André Bertier começou ser o mais visado para corresponder ao processo de divorcio que o professor Olivier já tinha até preparado...

—oOo—

Colette, por sua vez, innocentemente embora, collabora para a entrega do marido á sua rival e melhor amiga. Mitzi finge-se de doente e quem impelle o mraido para a

—oOo—

Tempos depois, refeitos da discussão tida, saudosos um do outro, culpados, ambos, elle pelo "caso Mitzi" e ella pelo "caso Adolph", fazem as pazes e, por tempos, tudo parece em santa paz. A chegada do professor Olivier, um dia, no emtanto, põe de novo o espirito de Bertier attribulado. E' que Olivier vem pedir ao medico e amigo que seja auxiliar seu no caso do seu divorcio. Mitzi o abandonára e elle, feliz com isso, queria o seu melhor amigo para ser seu correspondente.

O susto que Bertier teve, é indescriptivel. Elle jamais pensára naquillo. Não se pode ne-

Prosegue a festa. O olhar de Colette persegue o marido e a loirinha que tem ao lado. Mas nada percebe. Mitzi, ciumenta e talvez mais do que a amiga e esposa, resolve ainda mais comprometter o medico. Depois do jantar, no jardim, acha ella um meio de se approximar delle e, quando Bertier menos espera, desfaz o laço de sua gravata. Inhabil e justamente não sabendo dar, Bertier pede o obsequio á primeira pessoa que passa e, esta, é justamente "mademoiselle" Martel. Mal começara ella a dar o laço, surge Colette que os apanha juntos e vê, claramente o laço desfeito que a pequena compõe. A sua supposição salta o muro da verdade e vae ao domi-

gar e nem acceita com prazer. O que elle tiverá com Mitzi era o sufficiente para Olivier liquidal-o, talvez e Colette, além disso se divorciaria delle, tambem... A situação é das mais aborrecidas, para elle. Cada vez que se approxima de Olivier, cada vez que a esposa o olha seria, Bertier assusta-se. Tem a impressão de que já descobriram tudo. Colette, então, admira-se do máu procedimento da amiga e apenas cuida de saber quem será o "outro homem"...

Não supportando mais a situação, Bertier confessa-se á esposa, culpado naquelle "crime". E' elle o "outro homem"!... Colette magoa-se a principio e depois enfurece-se! Ahi é que ella comprehende todo o passado e ahi é que percebe o quanto foi tôla. Revoltada com isso, diz a Bertier que ella tambem tivera um caso amoroso! Adolph a perseguira e ella, assediada na ausencia delle, ultimamente arredio, cedera e tambem tivera o seu romance e que, por isso, estavam quites!

Bertier, que bem conhece Adolph, ri e diz que não crê. Sôa o apparelho e é Adolph, justamente, que quer falar a Colette. Deante de Bertier, então, faz ella a mais ardente das declarações de amor a Adolph. No meio da declaração, no emtanto, diz-lhe uma serie de desafôros e desliga o apparelho. Meiga, já, amando mais do que nunca o marido,

você

aconchega-se a elle e fingindo-se Magdalena, naquillo, diz-lhe que como ambos tiveram seus "casos", que se unissem, e, dahi para deante fossem felizes.

Bertier concorda immediatamente. A concurrencia de Adolph elle sabe qual é e sente-se orgulhoso de sua victoria, terminando com uma piscadela para a "camera", naturalmente, antes de entrar com Jeanette para o "boudoir", ninho de amor de ambos...

O *Screen Guild*, nova empresa fundada em Hollywood, e que tem a direcção de M. C. Levee, provavelmente, iniciará a sua actividade com um Film tendo John e Lionel Barrymore, nos protagonistas.

Marcel de Sano perdeu a direcção de "The Red Headed Woman", historia que a Metro Goldwyn-Mayer vae produzir e que, provavelmente, Jean Harlow interpretará. Jack Conway, que acabou de dirigir "But the Tlesh is Weak" (The Truth Game), se encarregará da direcção.

O elenco completo de "Back Street", Film da Universal, baseado numa novella de Fannie Hurst, com direcção de John M. Stahl, é: John Boles, Irene Dunn, June Clyde, George Meeker, Zasu Pitts, William Bakewell, Walter Catlett e Arletta Duncan, que representará o papel de filha de Boles.

Na Metro, a actividade tambem não é pequena. São estes os Films que vão entrar em producção: "Promiscuous", com Joan Crawford, que recentemente terminou "Grand Hotel" e "Letty Lynton"; George Hill, tendo Wallace Beery, sob as suas ordens, iniciará um Film que se passa na Russia; "China Seas", com Clark Gable, terá direcção de Tod Browning; Monta Belle dirigirá John Gilbert em "Downstairs", enredo de autoria de Gilbert; Buster Keaton em uma nova comedia — "Speak Easily", com direcção de Edward Sedgwick. Em Filmagem: — "Huddle", com Ramon Novarro; "Strange Interlude", com Norma Shearer e Clark Gable; "Prosperity", com Marie Dressler e Polly Moran.

São estes os Films que a R. K. O-Radio está produzindo: "Is My Face Red?", com Ricardo Cortez, Robert Armstrong, Arline Judge, Jill Esmond e Phyllis Clare; "The Truth About Hollywood", com Constance Bennett e Neil Hamilton; "The Law Rides", film de oéste, com Tom Keene; "The Bird of Paradise", com Dolores Del Rio, Joel MacCrea, John Halliday e Skeets Gallagher, com direcção de King Vidor "Statess Attorney", com John Barrymore, Helen Twelvtrees, Raul Roulien, William Boyd, Mary Duncan e Jill Esmond; "Westward Passage", com Ann Harding, Laurence Olivier, Irving Pichel, Nance O'Neill, Zasu Pitts e Juliette Compton; "The Roar of the Dragon", com Richard Dix, Gwilli Andre, Arline Judge e Edward Horton e "Hold'em in Jail", com Edna May Oliver, Robert Woolsey, Bert Wheeler, Rosco Ates e Rochelle Hudson.

Os seguintes Films tiveram os seus titulos mudados — "Destry of the Death Valley", Film de Tom Mix, da Universal, para "Rider of Death Valley"; "After All", da Metro Goldwyn-Mayer, para "New Morals for Old", e "Widow's Might", Film em que apparece Raul Roulien para "Careless Lady". Joan Bennett e John Boles são os principaes artistas deste ultimo trabalho que é da Fox.

A Universal levara a cabo uma expedição á Groelandia, este anno, partindo um grande navio de Copenhagem, em Maio, com destino á ilha. Lá será Filmado "Iceberg" uma historia escripta pelo Dr. Arnold Franck, que, na Europa, já dirigiu "White Hell of Ptz Pallu", "Deir Weisse Rauch" e "Tempestade no Monte Branco", Films de ambientes naturaes, com um enredo ligando as varias sequencias. O Dr. Franck veiu a Universal City, conferenciar com Carl Laemmle e Laemmle Junior sobre esse Film. "Iceberg" será filmado em quatro idiomas, estando já contractado para uma dellas um celebre aviador allemão. O Film será mais ou menos no estylo dessas narrativas naturaes que a Paramount, por vezes, nos tem dado tendo, porém, artistas que desempenharão os principaes papeis da historia escripta por Franck e que por elle será tambem dirigida.

Bernard Schubert já terminou a adaptação de "The Empty Chair", que a Universal va[e] produzir, Schubert foi quem es[creveu] o scenario de "Symphony of Six Millions", Film d[a] Radio que obteve muito success[o], recentemente, em New York. Howard Estabrook, scenarista premiado pela Academi[a] de Cinema, de Hollywood, escreveu o scenario de "The Roa[r] of the Dragon", para a Radio.

George Cukor, emprestad[o] pela Paramount, está dirigind[o] Constance Bennett em "Th[e] Truth About Hollywood", Fil[m] que veiu crear a moda de histo[rias] em torno da cidade d[o] Film.

Lucy Doraine, que todos nó[s] lembramos, desde os seus velho[s] Films na Europa, como "Sodo[ma] e Gomorrha", está traba[lhando] em "Westward Passa[ge]", ao lado de Ann Harding para a R. K. O-Radio.

A Universal contractou Pa[ul] Lukas, comprando o resto d[o] seu contracto da Paramount Charles Bickford, tambem, pa[s]sou a fazer parte do elenco d[a] empresa de Laemmle.

PEDRO, o Pequeno Corsa[rio], é o titulo do romance qu[e] "O Tico-Tico" está publicand[o] desde 16 de Março, o mais sen[]sacional de todos os romance[s] de aventuras e viagens.

Esse romance é a narrativa d[e] empolgantes episodios verifica[dos] na memoravel guerra d[e] 1758, entre a França e a Ingla[terra], com um valoroso grumet[e] francez. A audacia, o denodo, ardil, a intelligencia, a bravura a gloria, reunidos no mais ex[]traordinario romance de aven[]turas PEDRO, O PEQUEN[O] CORSARIO illustrado por C[i]cero Valladares.

Barry Norton

HOUVE um telegramma, um dia, publicado por jornaes, dizendo que Barry Norton viria á America do Sul e tendo como primeiro porto de escala o Rio de Janeiro. Começou "CINEARTE" a receber cartas e mais cartas, perguntando por Barry Norton. Quando chegaria. Quando desembarcaria. Para que hotel iria. Com quem viria. Outras perguntando se elle não podia ao menos um "pullinho" dar á Bahia, quando por lá passasse... Nós mesmo chegamos a dar a noticia.

Um pequeno engano, no emtanto, na informação. Pequenininho, assimzinho... Elle ia ás "Ilhas dos Mares do Sul" e os informantes entenderam "America do Sul"... Como sempre acham que quando os cavalheiros de lá não vão á Europa então procuram locaes de emoção, selvagens, immediatamente pensaram na America do Sul que, para elles, além de mantilhas, castanholas e "chiquitas hermozas", ainda tinha, no caso de Barry, a vantagem de ser local onde o "astro" nascera, pois elle, como todos os "fans" sabem, é de Buenos Aires.

A verdade, no emtanto, é que elle foi ás Ilhas dos Mares do Sul, aquellas que nos fizeram boquiabertos a rodear com suas bellezas naturaes a voz de Ramon Novarro a cantar docemente o "Canto de Amor Pagão"... (Boquiabertos, explicamos, porque vimos o Film um pouco, perto da tela e tivemos que abrir a bocca o tempo todo. Se nos conservamos já indifferentes diante de Copacabana, por exemplo e sem citar locaes selvagens, então, por que ahi citamos logo os mais bonitos do mundo, muito mais bonitos do que Niagara Falls... mesmo. Se nos conservamos indifferentes, quasi, diante disso que para o estrangeiro é supremo gozo pictorico, por que razão nos haviamos de boquiabrir diante de Papeiti, Tahiti, Comaqui, Bebali ou Parati, em Honolulu?... (estas tres ultimas ilhas são invenção tambem nossa, mas com certeza ha algumas lá que se chamam assim...).

O facto é que Barry Norton — um grande malandro e um conquistador de mão cheia (Myrna Loy que o diga...) — "pirou" de Hollywood. E isso a cerca de anno e meio, mais ou menos.

Quando partiu, apenas vinte e quatro annos de idade — bella idade! principalmente para conhecer logares tão pittorescos, nativos tão originaes! — dava a impressão de ser muito mais velho do que realmente era. Tinha os olhos empapuçados, os cabellos estavam cahindo e cerca de uns 15 ou quasi vinte kilos a mais no peso que devia ter, principalmente sob o ponto de vista Cinematographico que não atura galãs com esse corpo.

Está de volta. Vae voltar ao Cinema! Voltou bronzeado, cabellos espessos, negros, aspecto athletico, admiravel. Perdeu quarenta e cinco libras de peso, tendo, hoje, quasi o mesmo aspecto do seu primeiro dia de Filmagem, quando, ha annos, entrou para o Cinema, apenas differente o aspecto de seu rosto que é varonil, agora. Foi esse beneficio que as Ilhas dos Mares do Sul fizeram a Barry Norton.

Quando o Cinema falado o apanhou, quasi desprevenido, para esse novo aspecto de Films, pois não falava ainda sufficientemente bem o inglez, desceu de provavel "astro", que era, para simples figurante e principal apenas em versões hespanholas que então se fizeram. O papel que teve em "Deshonrada", de Von Sternberg, foi a maior cousa que elle já fez para Films falados em inglez e seu ultimo papel antes de partir para o exilio benefico.

Nada annunciou elle e nem aos amigos mais chegados. Preparou-se e, um bello dia, deixou a Cidade que lhe déra fama e fortuna e depois l'has tirara tão cynicamente, de novo... Foi para Tahiti. Lá, em pouco, aos olhos de todos, tornou-se um voluntario exilado social. E hoje, de volta, prompto está para uma volta condigna aos Films.

Lila Lee, Patsy Ruth Miller, John Farrow, entre outros, encontraram-no lá e sabem explicar, melhor do que ninguem, o "porque" delle se ter transformado num exilado social, cousa que principalmente lá ninguem comprehendia, pois achavam muito exquisito que elle preferisse a companhia de nativos e gente rude, grosseira, á boa sociedade de brancos que lá existe e divertida. Era isso, chocada, que delle estava pensando Papeiti, capital de Tahiti. Que diabo! Elle podia estar com suas alinhadas calças de flanella, sua camisa "sport", seus sapatos de duas cores, tomando "cocktails" admiraveis, dansando ao som de electrolas com as melhores pequenas locaes e, tudo isso, entre "collegas", isto é, brancos. Acabaram, mesmo, nem siquer olhando-o, tão vulgar o acharam. Mas Barry pouco ligou a isso!

— Durante o meu primeiro mez em Papeiti, vivi como os brancos vivem em todas as Ilhas dos Mares do Sul. Bebi um pedaço. De accordo com regras de brancos, mesmo, quasi nada além disso resta lá fazer. Tornei-me mais gordo ainda com a pasmaceira em que me vi enleiado. Nada de melhor senti. Era Hollywood,

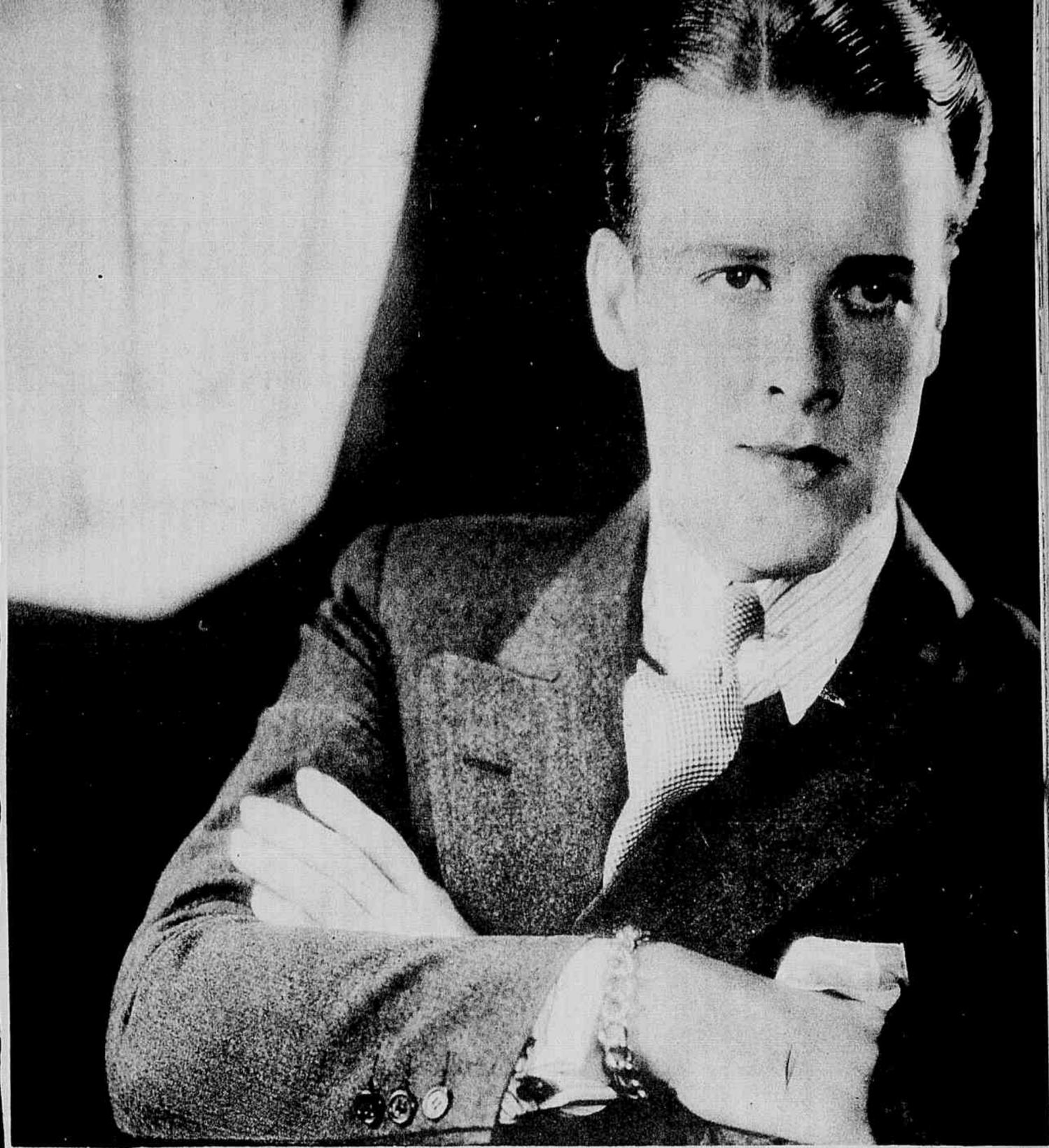
de novo, diante de mim! Acabei fazendo algumas amisades e, entre elles, sinceras, as de alguns dos nativos. Já tinha aprendido a admiral-os. São os mais simples, os mais delicados e os mais hospitaleiros imaginaveis! Jámais encontrei, tambem, gente tão alegre e sympathica. Deixei minhas camisas de seda, minhas calças de flanella e meus chapéos tropicaes em Pepeiti e parti para as ilhas mais remotas. Passei a usar apenas o "parpeo" a especie de tanga dos nativos de lá. Aprendi a fisgar peixes, fiz caçadas admiraveis pelas montanhas, nadei á vontade e cançei de treinar corrida pelas praias magnificas daquelles recantos. Passaram a chamarme de "Puarenua", o que quer dizer "cavallo" (Appellido nada convidativo, aliás...) e, isso, porque sempre me viam correndo. Rapei minha cabeça a escovinha e, isso, para ter a certeza de que não iria enfraquecer meus propositos, voltando para a vida indolente e cretina da sociedade civilizada de Papeiti. Pouco me incommodei com o que pensassem de mim, tanto mais que eu fui para cuidar de mim e da minha saude e não para obedecer a preceitos e conceitos de sociedade alguma. Deitava-me ás oito, conforme todos elles lá fazem e levantava-me ainda madrugada, para a pesca, "sport" dos mais admiraveis, principalmente praticado como elles lá o praticam.

Agora está elle em Hollywood. Volta outro e digno de uma "camera" e uma "estrella" formidavel que queira ter, realmente, um galã de verdade.

vae voltar!

E nós, aqui, desejamos que elle volte, sim, e, agora, não torne mais ás Ilhas dos Mares do Sul. Dizemos isso, porque admiramos Barry Norton. Quem viu "Sangue por Gloria", jámais se esquecerá delle. "Legião de Condemnados" tambem o mostrava num papel deslumbrante. Era sincero e merecia um triumpho completo que com certeza, agora conseguirá. Não o desejamos de volta ás ilhas, porque conhecemos outros cavalheiros que têm manias de ilhas, logares selvagens e quasi desertos, "locações" para longe, bem longe, onde a civilização ainda seja primitiva e não queremos que elle, sympathico e bom artista que é, termine assim...

:: :: ::

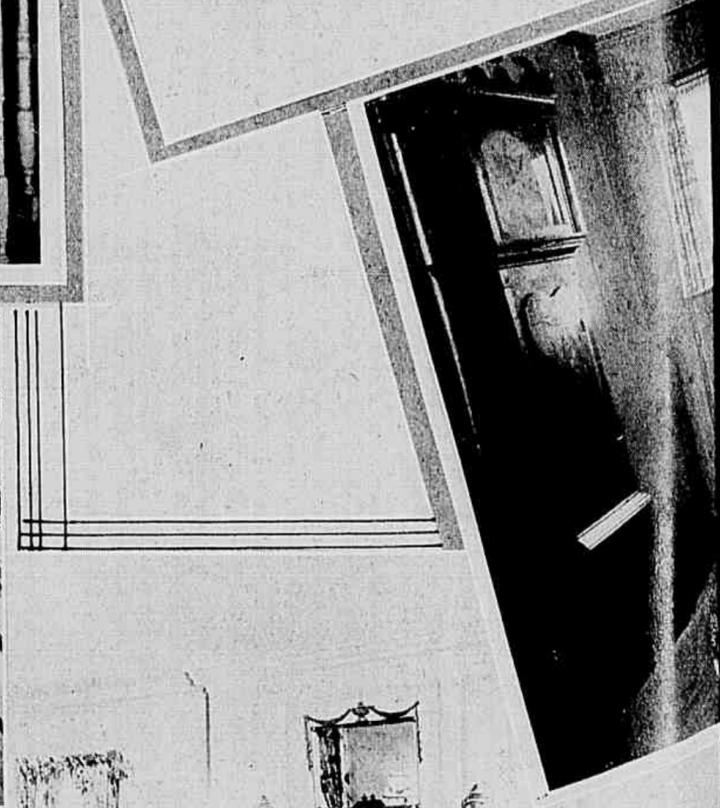
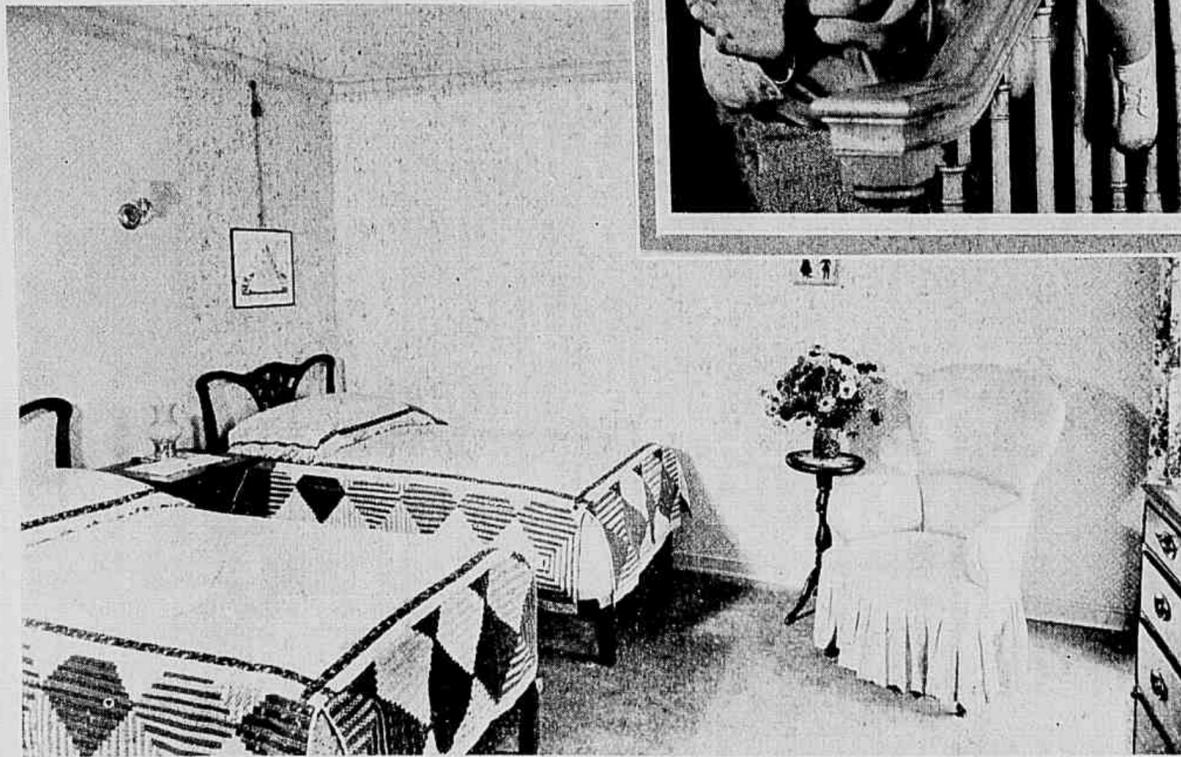
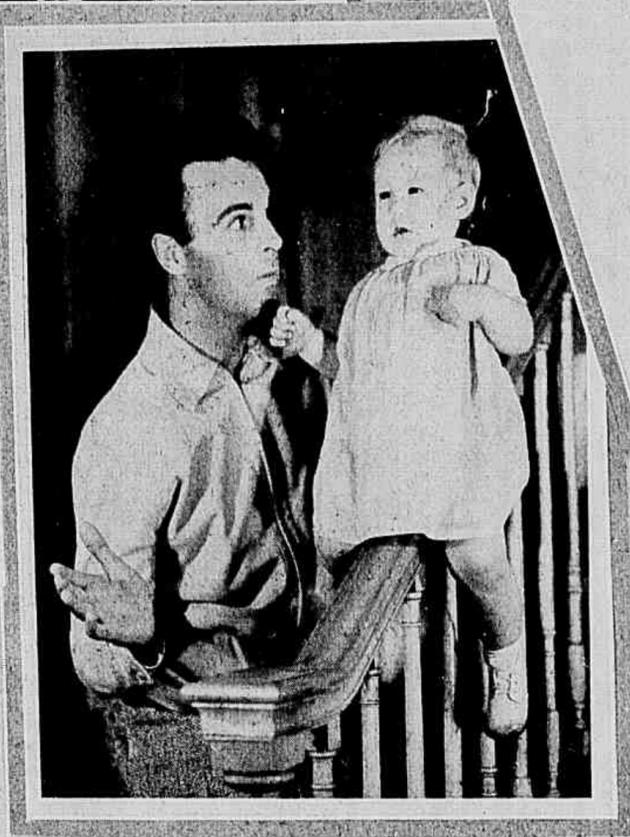
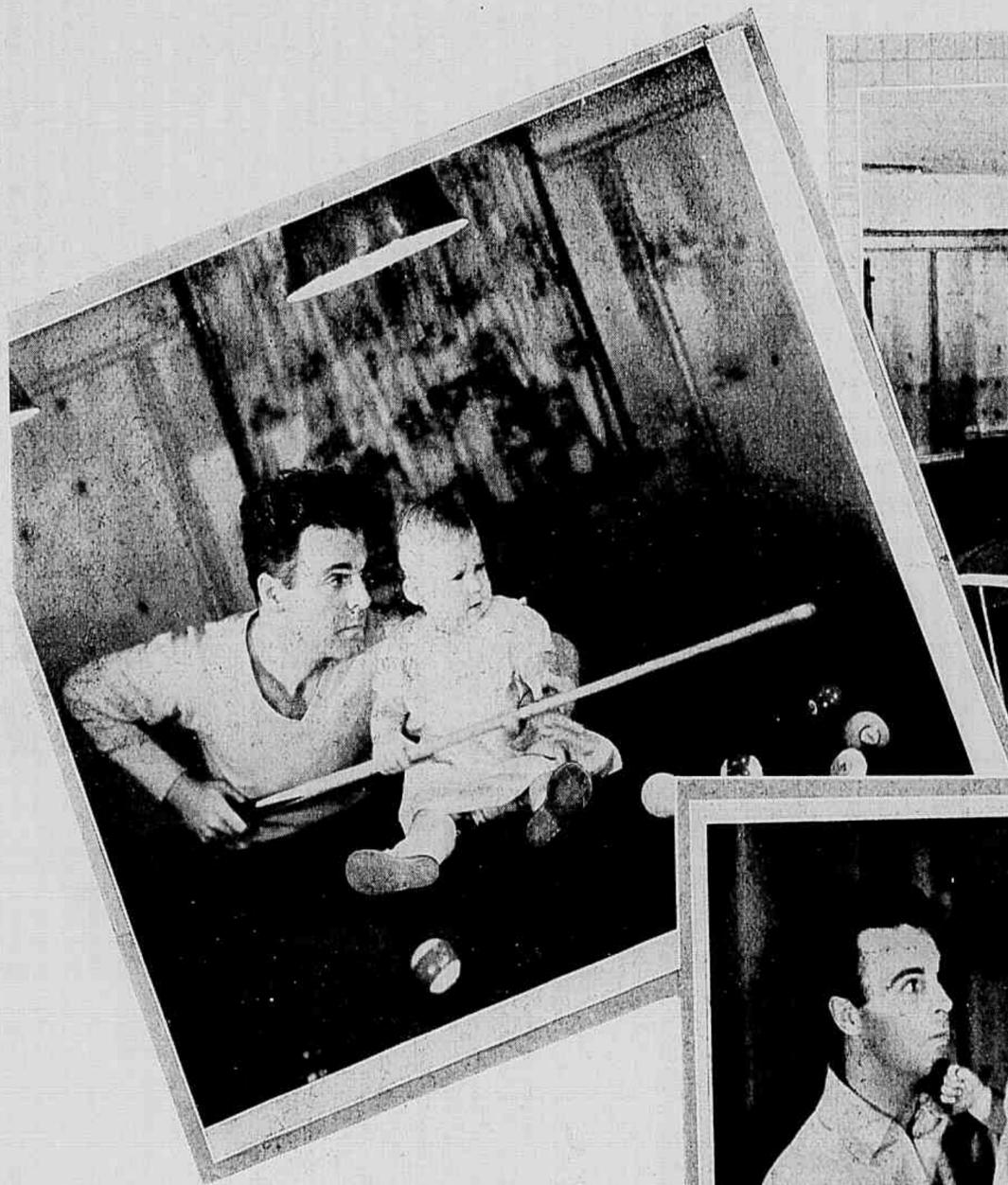
PLATINUM BLONDE (Colombia) — Se este film não fôr exhibido no Rio, o publico perderá uma optima opportunidade de assistir a uma das melhores comedias do anno. Mais ainda, deixará de conhecer o esplendido, estupendo mesmo, trabalho de Robert Williams que a morte tão cedo levou, roubando ao cinema um artista de futuro. Jean Harlow e seus cabellos louros — "platinum blonde", apparecem. Mas, fiquem socegados, ella, desta vez, é muito boazinha... Louise Closser Hale, impagavel na velha millionaria. Loretta Young, esplendida, bonita e encantadora. Bob é um reporter que desposa uma millionaria, filha de uma aristocratica familia de New York. Vae morar com a familia da esposa e passa por toda sorte de dissabores, em meio de festas, banquetes e outras "funcções" a que é obrigado a assistir, em virtude da sua nova posição social. Do principio ao fim, esta comedia proporciona optimos momentos. Frank Capra tem um trabalho de direcção notavel — auxiliado, porém, enormemente pelo desempenho natural, humano, sincero, artistico de Robert Williams. Se virem annunciado — não percam de modo algum, pois voltarão para casa, trazendo na memoria momentos inesqueciveis. Claude Allister, num curto papel de "creado de quarto", boa bola...

James Gleason, sua senhora Lucille Webster e seu filho Russel Gleason

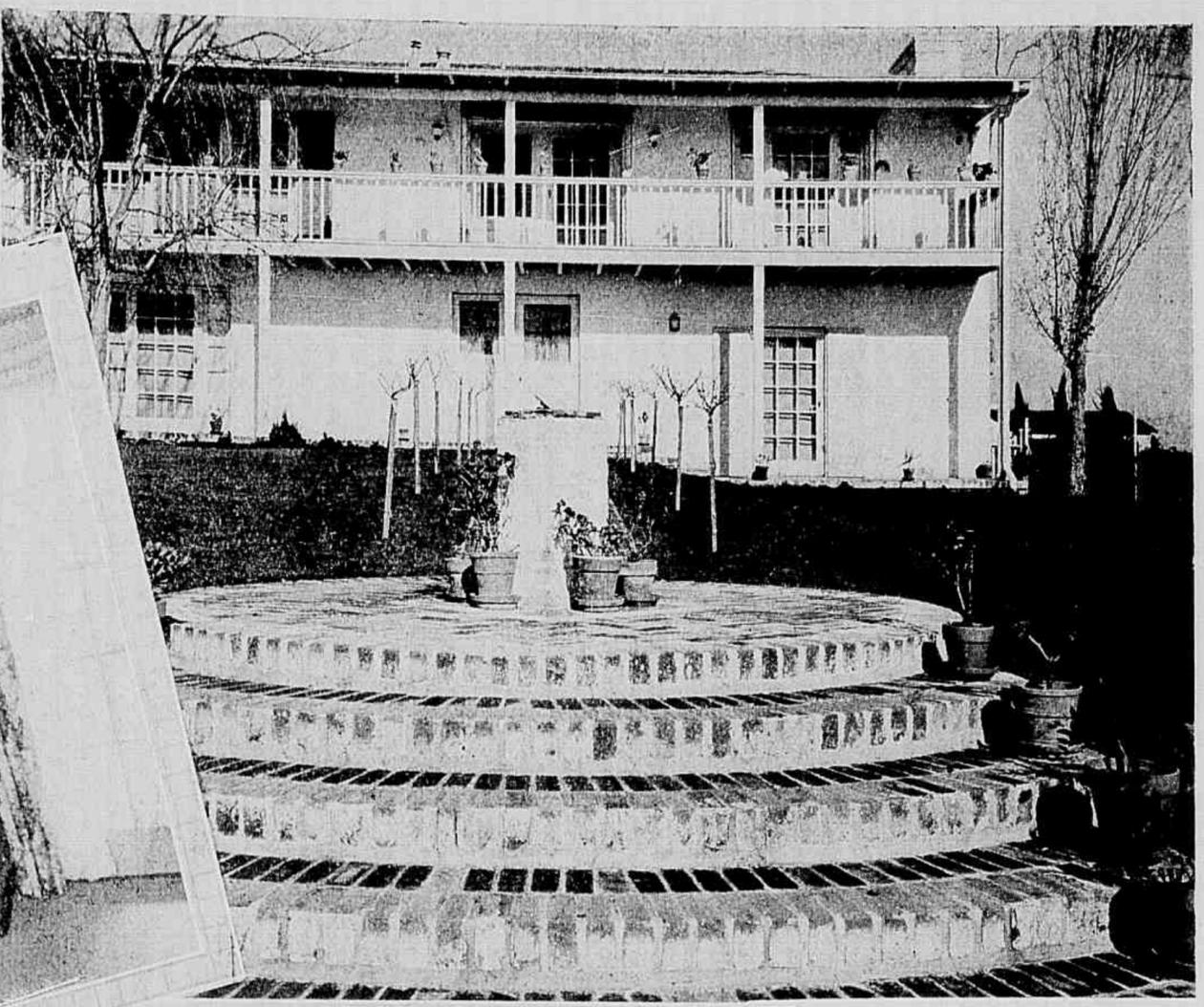
Helen Chandler...

Roland Young

Betty Bolen

MARION NIXON...

Neil Hamilton, a sua casa e a sua filhinha

Neil tornou-se mais sympathico ainda depois da sua entrevista a "Cinearte".

...nha adoptiva

O conforto do Cinema...

June Clyde

(Cinearte)

Ruth
Weston...

Uma estrella
da R. K. O...

PEGGY SHANNON GOSTA MAIS DE THEATRO DO QUE CINEMA E PREFERE NEW YORK A HOLLYWOOD.

Peggy Shannon deixou a Paramount e, agora, tem novo e grande contracto com a Fox. Entrevistal-a, agora que começa uma novissima phase na sua vida artistica, portanto, seria agradavel, principalmente para seus "fans" e por isso a procurei. Assim que a vi, no emtanto, percebi que não iam ser faceis as palavras que iamos trocar. Estava exhausta, via-se e para isso era necessaria uma profunda observação.

A saudação que nos fez foi amavel, mas nada effusiva. Ella é dessas pequenas que começam dizendo á gente que a chame apenas que começam dizendo a gente que a chame apenas de Peggy e que põem a gente para fóra, violentamente, se, num esquecimento, os labios nossos murmuram apenas Peg...

— O publico da sua revista o que quererá saber de mim?

Foi a primeira cousa que me perguntou, assim que se sentou e tomou um pouco de folego. Vinha de uma Filmagem de "Society Girl", que está fazendo para a Fox, ao lado de James Dunn e dirigida por Sidney Lanfield, o marido de Shirley Mason. (Uma informação puxa a outra, desculpem os "fans...)

— O publico, da minha revista, não, Peggy. O "nosso" publico!

Encaminhou-se ella para a sala vizinha e me convidou a seguil-a. Ao passo que a seguia, disse-lhe:

— Diga-me... Isto tudo, afinal, não a emociona?...

Ella me olhou friamente, como que caceteadissima de precisar me aturar. Mas respondeu, num arranco de coragem.

— E acha que eu devo me emocionar com isto tudo?...

O olhar que ella me deitou, em seguida, foi frio e duro. A eloquencia se me foi num susto e eu fiquei calado. O silencio ali foi mais ou menos longo. Vendo que eu ou me retirava ou dizia alguma cousa, inclinei-me pela segunda hypothese, porque, afinal de contas, se voltasse sem a entrevista ficava sem o dinheiro da mesma e, provavelmente, com um risinho de mofa do editor a machucar o meu amor proprio... E atirei a pergunta, olhos fechados...

— E do que é que não gosta, em Hollywood?...

Peggy deu de hombros e depois respondeu, sempre no mesmo tom.

— Hollywood...

Sei que ella aprecia muito a New York. Mas não lhe perguntei o que gostava então de New York, porque ella fatalmente responderia:—New York... E agora digam-me: — o que pode fazer um reporter com uma pequena assim?...

Peggy Shannon typifica o novo aspecto que as "estrellas" vêm ultimamente tomando: -- mais intelligentes do que bonitas e muito argutas para se deixarem ter e annunciar como "fascinantes"...

Ella, no emtanto, que entrou para a Paramount como successôra de Clara Bow, sabe o garfo que deve usar para qualquer prato, não exaggera na bebida e é culta. Se ella é Clara Bow, o que serei eu? Jim Tully, possivelmente...

Quando ella entrou para o papel que Clara Bow ia ter em "Chamado Accusador", o departamento de publicidade pol-a logo em confronto com a maluquinha que, agora, dizem, socegou com o casamento com Rex Bell. Quando Peggy percebeu o que estavam fazendo com ella, zangou-se, desesperou-se, inutilmente, no emtanto. Ella disse, mesmo, a um jornalista que a entrevistou nesse periodo: — "Eu achei a publicidade mais sem gosto, essa, tanto mais que Clara Bow achava-se realmente doente, naquella época e aquillo a iria ferir, com certeza. Mas os publicistas nada de attenção deram a mim, apesar de toda minha objecção".

Peggy Shannon deve andar pelos vinte annos, mais ou menos. Nasceu em Pine Bluff, Arkansas e seus paes eram dessa especie que a gente aqui costuma chamar de "sal da terra", isto é, gente honesta, sensata e cortez. Tudo correu bem para elles. Peggy era quiétinha, sensata, jamais falara em escrever versos e muito menos em ser artista.

— Faltava-me muita imaginação, aquelle tempo. Quando outras pequenas falavam que queriam ser artistas, costumava rir-me dellas. Eu pensava apenas nas cousas possiveis e, uma dellas, casar-me eu com um homem honesto e bom e tornar-me mãe de quatro ou cinco filhos. Cheguei a pensar em vestir sempre os meus filhinhos de organdy...

Um dia, no emtanto, a adoravel Madge Evans, então da mesma idade della — teriam as duas mais ou menos dez annos de idade — surgiu em Pine Bluff, fazendo a reclame do chapéu Madge Evans, modelo que uma determinada casa inventára para ella e com ella fazendo a publicidade.

— Jamais tinha visto alguem que fosse tão bonita! A voz della, então, adoravel como até hoje é, fascinou-me. Procurei encontral-a. Depois disso, no emtanto, nada de novo se passou commigo e nem ahi cheguei a pensar em ser artista. A unica modificação que se operou, foi que pedi a Deus que desse ás minhas cinco filhinhas que provavelmente nasceriam quando eu me ca-

PEGGY AOS QUATRO ANNOS.

sasse, o rostinho angelico de Madge Evans...

Depois de terminados seus estudos secundarios, a mãe de Peggy levou-a para New York afim de concluir seus estudos superiores. O secretario de Ziegfield que se fez camarada de ambas, propoz levar Peggy aos bastidores do theatro para que ella tivesse uma real emoção, na vida. Peggy promptamente accedeu.

Achava-se no theatro um jornalista desses que arranjam tudo e tudo fussam e vendo Peggy ao lado de Ziegfield, que, attencioso tudo lhe mostrava, porque o secretario lhe disséra quem ella era, muito embora ella não soubesse que aquelle era o grande e afamado empresario, photographou-os, lado a lado e, no dia seguinte, o seu jornal rompia a noticia em letras grandes: — "Ziegfield contracta uma pequena linda de Arkansas!".

Tornou-se a cousa realidade, tanto mais que a mãe de Peggy não foi tão difficil assim de convencer. (Essas mães de artistas...) Em seis semanas já sabia ella o sufficiente para dansar ao menos alguma cousa e passava a fazer parte do Ziegfield Follies. (Aqui para nós, accreditam que uma pequena com curso secundario e encaminhada para o superior, chegasse a New York e fosse ser corista de Ziegfield?...)

Dahi ella passou para as "Vanities", de Earl Carroll. Ahi ella aprendeu a conhecer a vida um pouco melhor... Os rapazes que frequentavam o theatro, ricos, mandavam-lhe orchideas e convites. Os menos ricos, rosas e outros tantos convites. Começou ella a ser procurada, assediada. Acabou casando com um dos "almofadinhas" (termo que já está cheirando a naphtalina, mas infelizmente aqui precisa ser usado...), um chamado Alan Davis.

Earl Carroll deu-lhe uma opportunidade no drama, confiando-lhe o papel de ingenua em "What Anne Brought Home" (O Que Anna Trouxe para Casa — traducção e, naturalmente, não era piada com o marido que ella conseguira...).

Mas ella ainda não estava apta a ter um papel assim importante e fracassou. Immediatamente poz-se em companhias itinerantes e de menor valôr para as cidades do interior.

De volta a New York, conseguiu vencer, finalmente e, assim, Hollywood a contractou, depois do seu fracasso e successo em quinze peças successivas que foram sua despedida de New York.

GGY

Sua infelicidade, aqui relaciona-se em parte ao marido que nem aqui conseguiu, ainda, collocação alguma (e a de marido, já não basta?...) Hollywood tem sido um problema para ella.

(E nós achamos que o problema della é a bocca, que não é muito pequena...)

— Temos, aqui, bem poucas amisades. Principalmente musicos e compositores musicaes de New York. Nos feriados e dias de descanço, vamos para as montanhas gastar um pouco a natureza. Não nos misturamos com Hollywood e nem permittimos que Hollywood comnosco se misture. (Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!!) Depois toquei nas suas cartas de "fans", se as lia e se as achava interessantes. Foi então que ella me disse, a respeito das mesmas o seguinte:

— As primeiras que recebi, eram amargas, censurando-me por tomar o lugar de Clara Bow. Agora que tenho mais de um Film exhibido, estão se tornando muito mais gentis e camaradas commigo. Acho, com sinceridade, que as cartas de "fans", para mim, são a unica parte agradavel da minha vida no Cinema... De crianças, então, tenho recebido as cartas mais meigas e interessantes que já tenho lido. Quer vel-a?

E mostrou-me a cartinha, simples, sincera como uma propria criança a falar.

— Sinto-me immensamente fatigada, creia. Além disso, não sei ser hypocrica. Uma qualidade em commum eu tenho, ao menos, com a admiravel Clara Bow com a qual me quizeram inutilmente indispôr: — franqueza. E digo realmente aquillo que penso.

Naquelle momento entrou um rapaz da publicidade, radiante, que não ligou ao riso amarello de Peggy. Disse-lhe, ardendo por vel-a conhecer a sua "invenção".

— Peggy! Tive uma idéa e você vae approval-a, creia! Ponha sua roupa de banho, já e vamos photographal-a com a bandeira ao fundo! Que tal? Gosta?...

Ella me olhou. Depois olhou a elle e perguntou, lenta, friamente, desconcertando o mocinho: —

— O senhor acha que eu devo achar a sua idéa brilhante?...

Quem achou, fui eu, com isso, uma boa desculpa para sahir antes que os vasos ali se começassem a partir...

Charlie Ruggles bebe,

Charles Ruggles é o grande bebado dos Films

Bernard Marcel, o homem que inventou a ondulação *Marcel* era caréca; Madame Vodovska, famosa pelos seus preparados de belleza, lembrava Polly Moran... conheci um hercules de circo que apanhava da mulher em casa... um conferencista de radio, celebre pelas suas theorias sobre a vida domestica, era solteirão. Dizem que Carlito, em casa é um cavalheiro triste e máu humorado... por isso, quando me propuzeram entrevistar a Charlie Ruggles — o comediante da Paramount — julguei encontrar um cidadão de cara fechada e soffrendo do figado!

O Cinema, a vida, emfim, muitas vezes, offerece dessas desillusões. O meu caro amigo Gonzaga tinha uma grande admiração por Italia Manzini, nos tempos em que essa formosa mulher, enchia o Cinema italiano com a sua arte e sua belleza. Era a Greta Garbo daquelles tempos... Quando ella esteve no Rio, Gonzaga foi entrevistal-a, levando na lembrança os seus *close-ups* admiraveis e as suas attitudes de dama elegante e fascinadora... Naquelles tempos.

Pois bem, nesse dia — Italia Manzini estava a tomar remedio para curar *azia...!* Imaginem, a dama formosa, destruidora de corações em tantos Films maravilhosos, soffrendo do estomago como qualquer mortal, cada terra!

Charles Ruggles faz o publico rir. Impagavel, estupendo nos Films, como o foi em *Mentiras de mulher...*, *Tenente Seductor* e *Beloved Bachelor* — pensei, por causa de todos aquelles factos a que me referi no inicio desta chronica que fosse encontrar uma pessoa de olhar tristonho, a suspirar, meditando na vida e nas consequencias desastrosas da guerra sino-japoneza...

Julguei que elle me recitasse inteirinho o soliloquio do *Hamlet*, que a Angelo Pinto, quando eu era menino, certa vez, representou no palco, creio eu, no Recreio... naquelle tempo em que os nossos avós ainda diziam — *Recreio Dramatico...*

Imaginei encontrar no seu camarim obras sobre differentes religiões ou tratados de Phylosophia — encontrar quadros reproduzindo as illustrações de Dorét para a *Divina Comedia...* receei ver na sua mesinha vidros de remedio para cura de dyspepsia ou de doenças biliosas...

Tudo isso me passou pela memoria, como um raio, emquanto eu caminhava pela avenida do studio, toda ella edificada e onde se alinham uma dezena de camarins de fachadas diversas. Aqui o *cottage* inglez, acolá um chalet normando, mais adeante as linhas pesadas de uma fachada severa — parecendo uma velha taverna dos tempos dos mosqueteiros.

Ruggles não estava no camarim. A minha cicerone, levou-me então á presença de Gene Raymond, como já descrevi, em outra entrevista.

Quando estava eu, tirando os retratos que serviriam para illustrar a chronica sobre Gene, entrou Charlee Ruggles. Pilheriando, dizendo anecdotas — contando coisas e factos engraçados. Não deixou Gene ficar serio para a photographia — mexeu com elle todo o instante — emfim, fez dissipar, num simples segundo, toda aquelle serie de pensamentos que andaram esvoaçando na minha cabeça até aquelle momento.

Fui-lhe apresentado.

"Já o vi antes, não é verdade?" disse-me elle:

"Sim, tem razão. Quando estive com Richard Arlen, na montagem de "This is the Night", vi-o." respondi:

"A minha memoria é boa, não acha?" in-

dagou elle, com um grande sorriso. Sim, um sorriso communicativo, que deixa no seu rosto aquellas duas linhas, quasi formando duas covinhas.

"Isto aqui está muito abafado..." disse elle — "vamos para fóra no meu camarim podemos conversar mais a vontade."

Quando tiramos o retrato que vae junto, Charlie Ruggles procurara decifrar o que o encarregado da secção da *Tela em Revista* escrevera a respeito de "O Tenente Seductor". Traduzi-lhe as linhas que o meu collega, ahi no Rio, dissera sobre elle.

mas não é muito

"Foi um papel pequeno, mas gostei. Deu-me opportunidade de trabalhar com Lubitsch e com Maurice. Ambos, meus amigos. Voltei a figurar com Chevalier, agora, em "Uma hora comtigo". Minha parte é maior, e agradou-me immenso, pois — creia-me — trabalhar com Maurice e ter Lubitsch ao lado são duas coisas esplendidas. Se Chevalier conta uma anecdota — Lubitsch tem sempre outra melhor e... (abaixando a voz...) maliciosa! Caminhamos um pouco e entramos no seu camarim. A' porta, Charlie vê Jack Oakie que caminha pela alameda do studio, com uma loura...

"Eh! Mr. Oakie! Como vae *Darling*..." diz elle em tom de pilheria:

"Belleza..." grita Jack, de longe, fazendo um passinho de "boy" de um corpo de baile do Municipal...

"Esse Jack é impossivel!" exclama Charlie Ruggles, sentando numa cadeira junto da sua secretaria. Pelas paredes, desenhos e caricaturas. Quadros bem proprios de um comediante, realmente, engraçado e malicioso como Lubitsch.

Dois aposentos e um quarto de banho. Numa mesinha, baixa, que fica bem perto de mim — livros, dois cinzeiros e um maço de novas photographias.

"Póde vel-as." diz-me elle:

Folheio a nova collecção — poses diversas, tomadas em casa de Charlie. Elle e seus cães — no jardim, na varanda, n a escada — em todos os cantos da casa, inclusive uma na cozinha... Esperei encontrar mais outra, delle no banheiro, mas o photographo esqueceu-se!

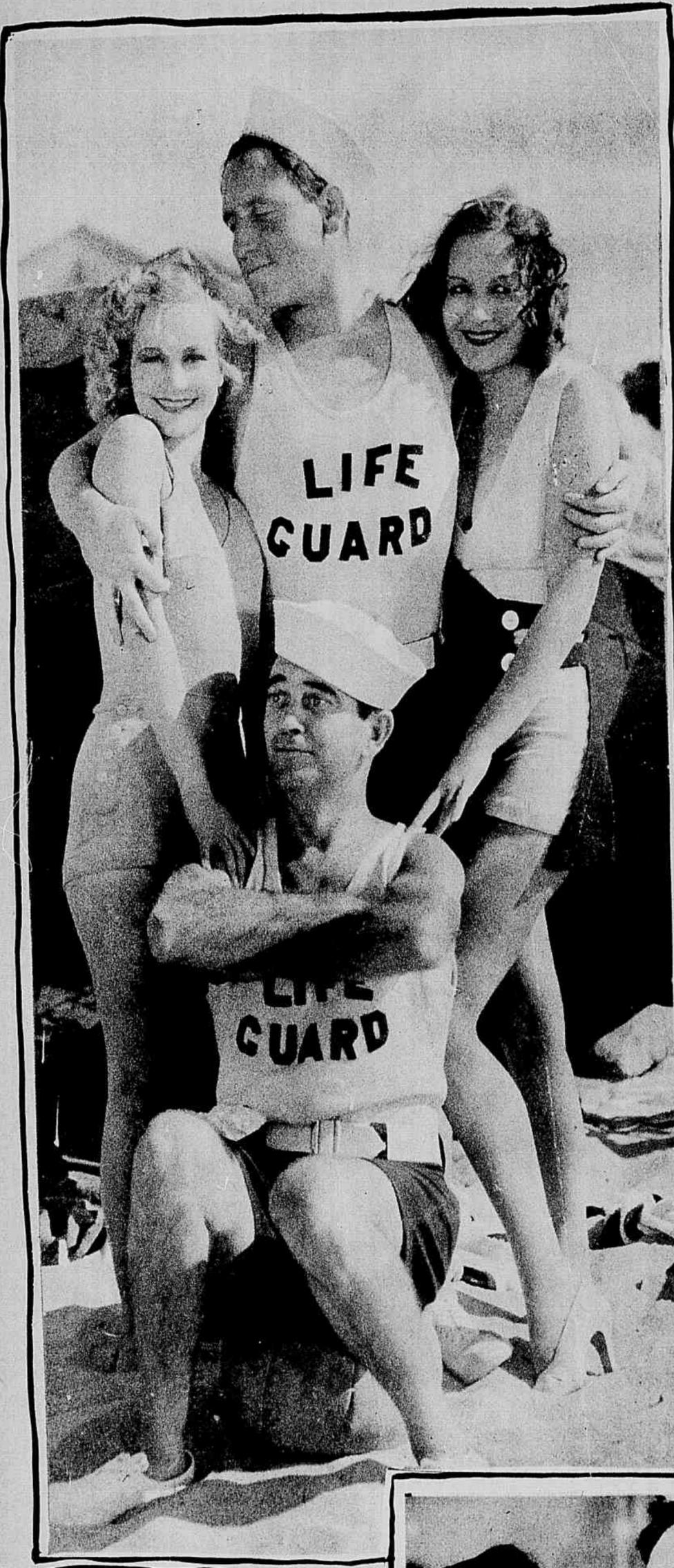
Charlie Ruggles e Gilberto Souto, representante de "Cinearte" em Hollywood, no studio da Paramount.

"Vê esta aqui? Esta em que estou de boina?... Pois, me obrigaram a tiral-a com esse barretinho... Não gostei muito. Gosta?" fez elle com uma expressão denunciando, novamente, qualquer pensamento malicioso.

Os seus olhos são pequeninos — de um cinzento muito claro, parecendo, por vezes azues. O seu sorriso é sincero. Quando elle ri — os que com elle falam parecem lêr, nos seus olhos e no seu sorriso — qualquer coisa de malicioso. Mas, ha contentamento, alegria nas suas expressões. Uma palestra, entremeada de factos engraçados, pilherias, bom humor!

Elle, fóra da tela, me deu a impressão exacta do mesmo artista que os Films têm mostrado — com excepção de que no momento em que o entrevistei, Charlie estava perfeitamente *são*... Sim, vocês devem tel-o visto em uma serie de papeis em que elle representa o "páu d'agua..." inveterado. Bebado foi elle em "Gente da Imprensa", Film de Walter Huston e Kay Francis. Ebrio foi em "Mentiras de mulher"... e ebrio vocês o verão tambem em "Beloved Bachelor", "Husband's Hollyday", "This is the Night"... O publico já se acostumou a vel-o embriagado em scena. Exige novos papeis e — para isso é que em todos os studios existe um departamento de historias. Este escreve as scenas adaptando-as de accordo com o temperamento Cinematographico de cada artista.. por isso Charlie é *bebado* e com todos os predicados.

(Termina no fim do numero).

DEMONIOS do

(SKY DEVIL'S)

Film da United-Artists com Spencer Tracy, William Boyd, George Cooper, Ann Dvorak, Yola d'Avril, etc.

Dirigido por Eddie Sutherland.

—:—

Este Film foi feito para aproveitar o "resumo da opera" de "Anjos do Inferno." Howard Hugher assim nos vae mostrar os trechos do seu famoso Film que haviam ficado no "cutting-room"...

—:—

Mais scenas de transportes de guerra americanos, condusindo para a França, as tropas do General Pershing...

E passando pelas circumstancias por que passaram Bill Boyd e Luis Wolheim, nos "Cavalheiros arabes", indo parar na Turquia Asiatica... Wilkie e Mitchell — já se vê que não é a camera da Cinédia... — vão parar á bordo de um transporte americano, rumo do Havre...

—:—

Elles são descobertos mas desta vez não têm necessidade de pagar passagem... e para cumulo da desgraça de ambos, encontraram á bordo, o sargento Hogaú, um sub-official que nós já advinhamos ser o George Cooper... sargente typo Bert Roach de "Big parade", já se vê. O sargento tinha uma "continha" atrasada... a cobrar de Wilkie...

Apresentados ao official commandante das tropas "em marcha"... os dois rapazes, conseguem livrar-se do castigo por viajarem "clandestinamente"..., mercê a confissão que fazem, de que se haviam mettido á bordo, com fito de se alistarem para defesa da patria...

—:—

O commandante ante tão sinceros propositos, perdoa-lhes e indaga dos novos recrutas se possuem alguma "especialidade"... afim de aproveital-os melhor, nas fileiras.

— Costumavamos "vôar"...! — respondeu os dois, ao mesmo tempo.

— Então, estão incluidos no corpo de aviação desta divisão! — ordena o tenente.

—:—

Em França, logo que desembarcaram, as forças iniciam nova viagem ferro-viaria, directamente ao "front." Os nossos heroes, viam aproximar-se a hora fatal de vôar, de verdade...

— Não sei como entrarei num avião, ao menos...! — diz Mitchell.

— Isso não é nada — responde Wilkie — ha de se arranjar tudo, havemos de vôar porque afinal de contas eu sei dirigir automovel muito bem. A differença é pouca...

— Mas você é um máu chauffeur, andava sempre ás voltas com a policia...

— Deixe disso! Demais no ar... não ha... "mão"!...

O sargento persegue Wilkie em tudo. O rapaz passa peores quartos de hora do que Slim Summerville tem passado com o "mesmo" sargento, nas suas comedias de guerra...

—:—

Hogau obriga-os a fazer vôos perigosissimos! Cousas incriveis em materia de cabriolas e reviravoltas... por cima das nuvens de chuva...

—:—

Mas, para provar como a lei da compensação, existe em tudo, surgem nos limites do campo de manobras aereas algumas francezinhas seductoras. Os rapazes são os preferidos e Hogau não se conforma em não conseguir chamar para elle, as attenções das pequenas. Ellas rodeiam todos... distribuem beijos a todos os soldados, seduzem o proprio coronel commandante do sector... mas para o sargento Hogau... nada!...

O sargento vingou-se nos dois rapazes, fazendo-os vôar cada vez mais arriscadamente... E as namoradas attribuindo as proezas temerarias daquelles dois aviões, aos heroes, "augmentam" o amor que lhes prodigalizaram...

O coronel está simplesmente apaixonado por Fifi... E lamenta que o Dr. Voronoff não esteja ali, alistado na sua tropa...

Assim vae correndo o tempo naquella região, que nem parece estar situada em pleno "front", tal a calma e a paz reinantes no local. Nem tiros de canhões, se ouve...

—:—

Uma tarde porém, o coronel teve que variar no seu diario de guerra, a palavras "sem novidade..." que elle já estava cansado de repetir, ha tantos mezes.

O local foi visitado por aviões inimigos! O campo é bombardeado e fica constatado que a "visita" foi realisada pela famosa "Esquadrilha da Morte", cujos aviões gigantescos e destemor dos pilotos, são o terror de todos os aviadores...

—:—

Nessa mesma noite o coronel faz vôar toda a esquadrilha americana, sobre os sectores inimigos, em retribuição "amistosa" á visita dos azes allemães...

—:—

O sargento é companheiro de Wilkie no mesmo avião e tanto discutiram em pleno desempenho da missão que os levára ás linhas inimigas, que acabaram "não sabendo" por sobre onde estavam voando...

Wilkie avista uma montanha coberta de neve.

E Hogan, depois de fazer uso do binoculo, affirma:

— Viemos parar na Suissa! Olha lá os Alpes...

— Então estamos fóra de qualquer perigo. Vamos descer...

—:—

Elles decera m, para ter uma surpresa

CÉV

"deliciosa"... Desceram nas trincheiras allemães!! E' tarde demais para remediar o engano. E os nossos heroes são feitos prisioneiros...

—:—

Irremediavelmente perdidos, elles, entretanto, esperam que Mitchell talvez ainda possa vir salval-os...

A United diz que foi por "acaso", mas nós dizemos aqui, que, convencionalmente — ora bolas! este Film é comedia! — um dia, o avião de Mitchell vae parar justamente onde estavam aprisionados os companheiros!

Não se sabe como foi isso, mas Hugon e Wilkie conseguiram fazer com que os inimigos batessem em retirada... e naquelle momento iam vôar, de regresso ás linhas americanas...

Lá estavam as pequenas com bouquets de flores esperando os heroes, tropas em formatura banda de musica, etc etc. Tudo em homenagem aos tres "azes"!

—:—

Só então elles souberam que haviam destruido o maior deposito de munições allemão! Destruido, "por accaso", por Mitchell. Que optimo soldado, heim!

Cinema Educativo

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

UMA VISITA A' SECÇÃO DE FILMS CULTURAES DA U. F. A.

HA coisa de uns quatro seculos, alguem acreditou haver realmente encontrado o Paraiso. O Paraiso dentro das cartas geographicas! E esse alguem não foi um João Ninguem, um desconhecido na historia da civilização, um simples elemento de uma sociedade famosa; foi nada menos que Colombo, o descobridor da America. Quando elle, em 1498, em frente ao delta do Orenoco, viu o magnificente espectaculo de quatro boccas distinctas, que procediam de um gigantesco territorio, tomou, a este como sendo o biblico paraiso perdido das quatro aguas legendarias; o paraiso onde os leões vivem em paz com as ovelhas.

Hoje poderiamos dizer que aquellas maravilhosas selvas do Orenoco, tão magistralmente descriptas por Humboldt, não representam o paraiso tal como o havia imaginado Colombo, e isso porque sabemos que um paraiso que correspondesse á descripção das legendas orientaes não existe em parte alguma do mundo.

Sem embargo, todos nós sempre nos inclinamos muito facilmente a sonhar com essa deliciosa legenda do estado paradisiaco, sem que nos importe, nem ao menos, a famosa questão do logar. Quando falamos do paraiso, imaginamos algo de inattingivel ou perdido, ao qual a nossa propria phantasia dará uma fórma e uma essencia, desta vez ao nosso gosto e sabor.

Não seria para ficarmos realmente assombrado, si de repente se nos deparasse um verdadeiro paraiso, isso que se pudesse chamar um estado paradisiaco?

Cães e lebres vivem juntos, em paz. O medo não existe entre elles. A lebre descansa junto ao galgo, esse mesmo galgo que faria correr desesperadamente aos seus congeneres, e no emtanto seria difficil saber qual dos dois animaes encontra mais suave e sympathica a pelle do outro. De quando em vez, como expressão do seu actual bem-estar, o cão sacode a sua cauda, olhando para o seu camarada, que lhe responde com um ligeiro estremecimento de satisfação. E assim continuam, duas ou tres vezes, até que ambos adormeçam um ao lado do outro.

Examinando mais detidamente esse paraiso privado, recordamo-nos daquellas formosas historias de animaes que se reuniam para deliberar acerca da melhor maneira para se desembaraçarem do peor inimigo...

Historias que nos contaram junto ao berço, talvez para que pudessemos conhecer melhor as coisas do mundo, e sabermos que os ratos são sempre inimigos mortaes dos gatos...

Aqui neste paraiso, os ratos não teriam porém motivo algum para se preoccuparem com essas rusgas. Dessa animosidade inherente a todos os animaes, não resta o minimo rastro. Pelo contrario. "Mizzi", um magnifico exemplar, com olhos de fogo, e um temperamento em nada comparavel ao dos vulgares gatos domesticos, olha com uma expressão completamente innocente para o humilde ratito que se move alegremente entre as patas do felino, o qual, por sua vez, nem imagina dar-lhe caça, tal como o faria qualquer dos seus vulgares congeneres.

Na verdade, precisamos concordar em que os ratos gosam de uma vida paradisiaca, no interior deste paraiso. Serpentes de todas as classes e tamanhos banham-se ao sol, junto com os ratos, sem que, nem ao menos, mostrem preoccupar-se por elles. E note-se que os taes roedores são um tanto exquisitos, em presença dos ditos repetis... quando ambos não se encontram no paraiso.

Nesta atmosphera de convivencia pacifica, onde não existe o conceito da inimisade, não ha nada de extranho que se descubram até actos de assistencia "social", verdadeiramente commovedores. Assim apreciamos, a um canto, um sympathico macaquito, conscientemente coçando a magnifica pelle de um gato. Não existe um unico pello que elle não investigue, nem um unico insecto que escape ao seu olhar inquisidor. E o gato, convencido da sua belleza, vae-se deixando coçar, apathico e tranquillo, com uma indifferença de china. Depois de haver terminado a sua tarefa, começa então o nosso amigo macaco a fazer minuciosamente a sua "toilette", como si estivesse a preparar-se para actuar em uma pellicula Cinematographica de importancia.

Poucos minutos depois, desapparece o gato no interior da gaiola onde vive uma familia de gallinhas, cujo chefe, um orgulhoso gallo garnizé, nem ao menos se espanta, nada fazendo para oppôr-se á intromissão do felino. E' indiscutivel que se vive uma bella vida neste paraiso!

Por isso mesmo, por essa harmonia, comprehende-se que o dono desse paraiso se preoccupe tanto com elle, tratando-o com tanto cuidado. E assim se nos depara um lettreiro em que se adverte que está prohibida a entrada aos que não tenham nada que fazer ali, lendo-se mais abaixo, para melhor esclarecimento: "Secção de Films Culturaes da UFA." Esse paraiso está pois installado nos terrenos de Neubabelsberg, e é dali que têm sahido, para a sua marcha triumphal atravez o mundo inteiro, esses maravilhosos "educativos" UFA.

Seria inutil mostrar inveja por esses mortaes que, em numero assás escasso, logram uma vez por outra transpor os humbraes desse paraiso. Dentro em pouco todos poderão admirar em uma pellicula todos os mysterios desse paraiso. A photographia e o som nos mostrarão a Vida, tal como se desenvolve no interior desse estado paradisiaco. "Animaes Domesticos Raros" será o titulo de um desses educativos Filmados que não sómente nos fará recordar a legenda do paraiso, como tambem nos mostrará, por intermedio de exemplos minuciosamente estudados, muitas das coisas que ignoravamos até agora, e que qualificavamos de extranhas porque não encontravamos para ellas uma explicação plausivel.

— "Life on the Quadrangles" é o titulo de um Film falado em tres rolos, produzido para a Universidade de Chicago, afim de attender a innumeros pedidos de informações sobre as suas actividades, etc. Apresenta realmente a vida do estudante, a convivencia no interior dos laboratorios, as salas de leitura e conferencia, os jogos e até mesmo os campos esportivos. São tambem apresentadas vistas dos dormitorios, a fraternidade que reina com aquella vida em commum, o jornal escolar, e outros assumptos exclusivamente ligados ás diversas actividades da Universidade. Quin Ryan, um "speaker" conhecido atravez do Radio em todos os Estados Unidos, commenta todo o Film, e "Alma Mater", cantada pelo côro da Universidade, acompanha as scenas em surdina. O Film será projectado para as escolas superiores, e tambem para os alumnos dos cursos de humanidades, por intermedio de um projector portatil operado por K. A. Rouse, secretario do director da Universidade, e antigo "captain" de foot-ball. As copias usadas para essas projecções em logares distantes foram impressas em pelliculas de 16 mm.

— Afim de instruir os alumnos na manipulação das balanças chimicas de precisão, a Universidade Fordham, da Cidade de Nova York, acaba de produzir um Film de 200 pés, em pellicula de 16 mm., denominado "Chemical Balance", e que foi dirigido pelo prof. L. K. Yanowski, professor de analyse quantitativa. Em um **test** para se provar o valor educativo do Film, ficou demonstrado que os alumnos que assistiram ao Film apresentavam um conhecimento muito melhor das balanças chimicas de precisão, do que os alumnos que haviam sido excluidos das projecções.

— Um dos jornalistas americanos que escreve para os magazines do Cinema Educativo affirma que o Cinema tem progredido muito, visando diminuir sempre o custo da educação, sempre pesada aos menos favorecidos da sorte. A razão está em que um rolo de Film pode apresentar, com o maximo successo, exemplos vivos de artes e sciencias, dentro de quinze minutos, cousa que exigiria quatro capitulos de texto literario, e mais dez dias de umas tantas discussões, para que fosse devidamente assimilada pelo alumno.

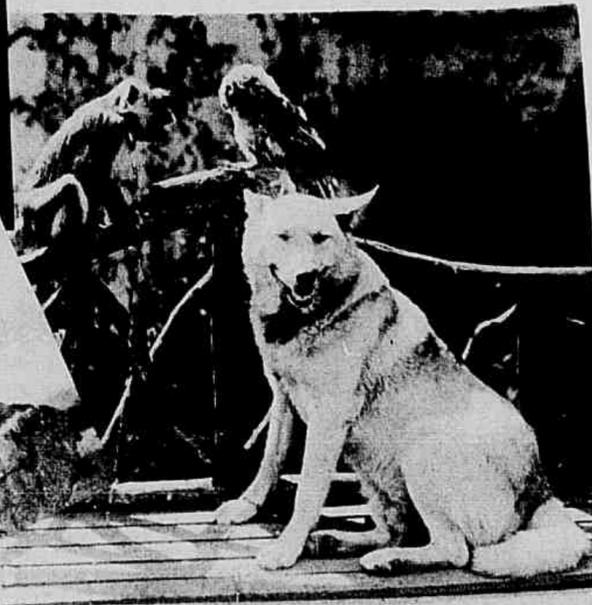
— "The Story of the Tire" (A Historia de um Pneumatico) é o titulo de um Film em um rolo, produzido em pelliculas de 16 e 35 mm., e offerecido pela Goodyear Co. no qual se mostram todas as operações para a fabricação do pneumatico, desde a plantação da borracha, a fonte do material em bruto, até a manufactura do producto acabado.

— "Cane Sugar" (A Canna de Assucar) é mais uma das producções da Serie Harvard feita em dois rolos de pellicula 16 ou 35 mm. Apresenta a historia da industria assucareira, o modo como se faz o plantio da canna em Cuba, e como o assucar bruto é refinado, e preparado, de varias fórmas, para o uso geral. O Film é editado e titulado de accordo com as praticas educativas já estabelecidas, e um pequeno manual explicativo é distribuido, juntamente com o Film. Este Film está sendo espalhado por todas as escolas e cursos dos Estados Unidos.

— "Wizardry of the Wireless" (a Magica do Sem-Fio), em dois rolos Filmados com pellicula 16 e 35 mm. é um Film offerecido pela General Electric, e que traça, a historia das communicações por meio de signaes, mostrando as fogueiras, os signaes de fumo, o heliographo, o semaphoro, o telegrapho electrico, e o telephone. Por intermedio de desenhos animados, o Film demonstra a operação das valvulas de vácuo, e outros accessorios usados para a transmissão e recepção do radio. O Film foi offerecido a todos os grupos escolares do territorio americano.

— "Fighting Snow" (Combatendo a Neve) producação que foi Filmada em pelliculas de 16 e 35 mm. mostra como são mantidas em conservação as estradas de rodagem do Estado de Minnesota, E. U., durante as estações mais severas do anno.

Rectificação

Aproveitamos a occasião para dizer aos nossos leitores que a Pathé Gaucha Ltda. a que nos referimos no numero 327 de **Cinearte** é uma associação cuja séde se acha em Porto Alegre, notificação que, por descuido, deixou de ser publicada.

Scenas de alguns Films culturaes da Ufa.

De Carole para "Cinearte"

NEIL
HAMILTON

(Cinearte)

To - Cinearte - Wishing
you - and your readers -
Health - Wealth - and Happiness
Neil Hamilton

Sally... depois do casamento...

Tem um rostinho interessante. Sua pelle é clara, manchadinha de sardas. Seu corpo já recebeu palmas de Ziegfield, o homem que só bate palmas quando a coisa é seria, mesmo... E até a quiz para suas "Follies." (Sem trocadilho, mesmo em inglez...)

Apparenta dezesete e tem vinte e um annos. E' mãe... — não se assustem! — ou antes, madrasta do filhinho de oito annos que o primeiro e infeliz casamento de Hoot Gibson, seu marido, deixou.

"Depois do casamento" pol-a no mappa dos **fans** para ficar. Até então, Hollywood pensou que ella fosse uma "heroina" e nada mais. Servia para ser salva da mala posta em disparada e para o beijo final do heroe de um Film policial. Mas nunca pesaram, na balança de um bom megaphone, sua intelligencia, sua sensibilidade, seu desejo imperativo de vencer. Agora, não: — Sally joga com todos os trunfos na mão.

Nasceu em New York. Seus paes não foram artistas e nem na familia havia "traços" dessa molestia. Vieram á California occasionalmente, passar um inverno. Sally tinha seis annos e poucos palmos de altura. Mas tinha o mesmo cerebro de hoje e elle já ali começou ser uma "estrella"...

No Alexandria Hotel, onde se hospedavam, Sally encontrou-se, um dia, com Carlito. E ella lhe suggeriu que lhe desse uma opportunidade. Carlito lhe disse que era possivel, sim, mas que achava melhor que ella crescesse mais para ver se realmente queria aquella para sua carreira.

Mais tarde, outra visita a Los Angeles e um encontro com Anita Stewart. Anita interessou-se pela vivacidade de Sally e arranjou-lhe um "test". A's dez da manhã estava Sally promptinha e esperando o "test". A's cinco, nervosa e cançada, fez o que foi possivel diante de technicos sempre desinteressados, uma mãe orgulhosa de sua filha, um pae reprovador e um irmão descontente.

Sally depois que se casou com Hoot Gibson teve mais opportunidades...

O "test" gorou. Sally concordou com o pae, que a escola era o seu melhor abrigo. Fingiu para si mesma esquecer o ideal. E o pae acreditou na mudança.

Em 1926, sua familia mudou-se para Hollywood. Sally trazia o diploma da Fairfax High School. A fortuna dos Eilers soffreu um baque, nessa occasião. E Sally não mais quiz voltar ao collegio, apesar do pae ter meios de o pagar. E' que não seria interessante, realmente, regressar onde sempre fôra rainha, sem carro, seus vestidos ultima moda, seu dinheiro farto para consumir. Achou ella, além disso, que era o "momento" de iniciar a sua carreira nunca olvidada.

Ainda fez um curso de stenographia longo e aborrecido. Depois, um dia, quebrou a ponta do lapis, atirou longe o caderno e foi ao escriptorio do "velho".

— Peço conferencia!

Foi dizendo e entrando. Disse tudo. Papae escutou. Depois de pensar rapidamente, sorriu. Sally esperou a resposta.

— Pois quer ser "estrella", minha filha?

— Quero. E' tudo quanto quero, aliás.

— A' vontade. Não serei eu seu obstaculo...

Velho intelligente, comprehendeu facilmente o erro de negar. Ella que experimentasse. Elle ficaria com o lenço esperando as lagrimas da desillusão...

Sally e "Mamãe" Eilers...

Teve seis mezes de prazo para conseguir successo ou desistir. Seguiria mesmo, se fracassasse, para o collegio, de novo, assim fazendo a vontade ao pae. Os primeiros cinco foram fracassos uns em cima dos outros. Certa, já, de que estava procurando cavar um nicho numa parede de granito, encontrou-se um dia com Carole Lombard proximo ao "lot" de Mack Sennett. Carole, ao tempo, pertencia ao grupo de banhistas desse fabricante de comedias. Sally acompanhou-a para a ultima tentativa.

Ali chegou com melhores perspectivas. Alice Day tinha deixado o Studio e elles andavam em busca de uma outra que a substituisse. Sally foi contractada. Faltavam apenas duas semanas para terminar o praso de seis mezes que lhe déra o Pae...

"O Beijo de Despedida" recebeu Sally sob uma chuva de applausos. Ella e Matty Kemp, heroes desse Film de metragem que a First National distribuiu e Mack Sennett fez, foram endeusados. Ella, diziam todos, mostrava talento e, embora em embryão, ainda, offerecia toda a possibilidade de successo indiscutivel.

Mack Sennett não mais quiz fazer Films de longa metragem e resolveu permanecer nos "shorts", mesmo. Tambem não quiz ceder Sally a fabrica alguma. Esfriou o seu renome. Houve discussão e mais discussão. Elle, afinal, consentiu desligal-a do contracto. Mas Hollywood, ahi, quasi que já se havia esquecido da pequena que tanto applaudira em "Beijo de Despedida"...

Rompia ella, quasi simultaneamente, o seu noivado com Matty Kemp, que fôra seu primeiro galã e do qual pensára ter ficado apaixonada. Tinha ella, então, apenas dezesete annos.

A primeira apparição pessoal que fez, emocionando-a profundamente, foi pelo braço de Charles Rogers. Até hoje ella não se esquece a sensação que sentiu, nesse dia. Principalmente a grande amargura que sentiu quando o "speaker" que annunciava os que chegavam gritou, vendo Charles Rogers que se approximava:

— Agora temos "Charles Buddy Rogers" e uma pequena de chale hespanhol!

Scientificada ficou, naquelle instante cruel, que nada mais era, realmente, do que um... chale hespanhol, em Hollywood...

Depois, proseguindo, embora lentamente, sua carreira, Sally passou a ser conhecida como "o par de pernas da Fox." Era o chale que cahia no esquecimento para dar entrada ás suas aliás admiraveis pernas...

(Termina no fim do numero)

A tela em revista

Tllulah em "Ludibriada"

ALVORADA — (Daybreak) — Film da M. G. M. — Producção de 1931.

Não gostamos deste Film de Ramon Novarro. Não que elle seja máu ou que o publico não o deva ver. Ao contrario: — agrada e tem varias cousas que são exactamente aquellas que o publico aprecia. Romance, idyllios, heroe bem fardado e heroina ingenua. A vingança da pequena que se sentiu ultrajada. O final feliz... Tudo isso o Film tem. O que não teve, foi direcção.

Jacques Feyder, famoso por *Theresa Raquin* e outras tragedias francezas, foi para os Estados Unidos e fez, depois de *O Beijo*, no qual figurou figurou Greta Garbo, este, com Ramon Novarro. Algumas noticias disseram que elle já se achava doente, quando iniciou este trabalho. De toda fórma, não correspon de nem á sua fama e nem ao seu merito. Se o thema de Arthur Schnitzler, esta vez, era demasiado vulgar para elle, não o dirigisse. Mas os bons directores a gente conhece exactamente quando são fracos os themas...

Pela parte de Ramon Novarro, então, o Film tambem perde. Nunca o devem tirar daquelle genero que é o seu: — *Pagão, Principe estudante, Sevilha de meus amores.* E nesse genero, diga-se, ninguem o supera. Neste Film elle quiz reviver a sua caracterização e o seu trabalho em *O prisioneiro de Zenda*, seu primeiro trabalho importante para o Cinema. Está bem a caracterização, isto é: — cabello cortado rente ás orelhas, monoculo, bigodinho irritante.

Ramon é o menino bom que ama com o coração e não com o sangue. Assim é que todos o apreciam. Os seus fracassos, em Films, foram justamente aquelles nos quaes quiz abandonar seu genero. E por que teimar? Não é elle tão feliz e admiravel nessa figura romantica que já nos tem dado tantas vezes?

Quem salva o Film é Helen Chandler que, dentro de seu genero e representando optimamente — a scena da bebedeira, por exemplo — consegue as attenções para si e arrebata-as. Uma heroina para Ramon Novarro, mas não para o tenente Willi...

Jean Hersholt, C. Aubrey Smith, William Bakewell, Glenn Tryon, Karen Morley, Clyde Cook, Kent Douglass, Jackie Searl, figuram. A morte de Kent Douglass é interessante e bonito aquelle detalhe do espelho. A photographia de Merritt B. Gerstadt, como sempre, admiravel. Nos *close ups*, então, estupenda.

Jacques Feyder teve deante de si um scenario com bom desenvolvimento mas fracassou. O que elle pensa que é direcção, é cousa completamente differente. Elle e muita gente, mas o Film póde ser visto.

Cotação: — BOM.

O HOMEM DA NOTA — (The New Adventures of Get Rich Quick Wallingford) — Film da M. G. M. — Producção de 1931.

William Haines justamente no seu genero. Um pouquinho de sentimento e nenhuma scena pathetica, desta vez, mas extraordinario como comedia. Muitos Films de comicos celebres não offerecem as scenas divertidas e engraçadas que William Haines, Ernest Torrence e Jimmie Durante apresentam neste Film.

A historia já foi feita por Norman Kerry e Sam Hardy, dirigida por Frank Borzage. Fel-a a mesma Cosmopolitan de hoje, mas para a Paramount, que a distribuia naquella epoca.

Mas esta versão nem se compara. Não a percam. Esplendido divertimento.

Cotação: — BOM.

MOCIDADE FELIZ — (Huckleberry Finn) — Paramount — Producção de 1931.

Jackie Cooper é o pequeno grande artista do momento.

Mas Norman Taurog, o director e o seu tio aliás, não fez do Film um outro "Skippy".

Mitzi Gween tambem é esplendida. Um Film para as creanças. Pode ser visto.

Cotação: — BOM.

CONVENÇÕES HUMANAS — (The Road To Singapore) — Warner Bros. — Producção de 1931.

O argumento não é máu e prestava-se mesmo para um Film com mais estudo e observação. E William Powell, embora se pense em outro artista para o papel, não vae mal. Doris Kenyou voltou elegantissima e muito interessante. Milton Sills era um egoista... Mirian Marsh tem que apparecer agora em toda producção da Warner Bros. Não existe, aliás, a tal Warner First que se annuncia nos jornaes e programmas.

Pode ser visto, mas deixe as creanças em casa.

Cotação: — BOM.

O CORSARIO — (Corsair) — United Artists — Producção de 1931.

Não se póde levar a historia a sério, mas ha os seus trechos agradaveis e não deixa de interessar.

Chester Morris vae bem e Thelma Todd nunca esteve tão linda.

Cotação: — BOM.

VOANDO ALTO — (Flying High) — Metro Goldwyn — Producção de 1931.

Uma boa comedia, com um pouquinho de pimenta e entrecortada de alguns numeros de musica. Bert Lahr, do theatro, é interessante e ao lado de Charlotte Greenwood motivam boas gargalhadas.

Kathryn Crawford figura.

Cotação: — BOM.

IDYLLIO AMARGO — (Surrender) — Fox — Producção de 1931.

Outra historia que se passa durante a grande guerra, sem grandes opportunidades e que lembra "Amae-vos uns aos outros" de Pola Negri. Warner Baxter algo deslocado. Leila Hyams, fóra da Metro não é a mesma. William Howard dirigiu. Póde ser visto.

Cotação: — BOM.

A LUDIBRIADA — (The Cheat) — Film da Paramount — Producção de 1931.

Novamente o argumento da celebre "Ferreteada" de Fammie Ward e Hayakawa e que tambem já foi Filmado com Pola Negri e Charles De Roche.

Não me pareceu uma esplendida historia para Tallulah Bankhead, secundada por meia duzia de desconhecidos e uma direcção sem personalidade. Entretanto, é um Film bem apresentado e elegante. Agradará a muitas platéas.

Cotação: — BOM.

ERROS DA SOCIEDADE — (Compromised) — First National — Producção de 1931.

Regular. E regularmente estão Rose Ho-

bart, Ben Lyon e Juliette Compton. Claude Gallingwater bem e Bert Roach faz sorrir. Direcção de John Adolfi.

Cotação: — REGULAR.

MULHER PAGÃ — (Pagan Lady) — Columbia — Producção de 1931 — (Prog. Matarazzo).

Charles Bickford e Evelyn Brent. Elle vae bem, mas não sei se a sua cara continuará a agradar a todas as "fans", embora já mais acostumadas. George Bancroft, quando appareceu, causou medo. Mas, depois que Dolores Del Rio disse que as mulheres preferem aos "homens de verdade" e de todas as leitoras saberem que Bickford acaba de abrir uma casa de "lingerie" em Hollywood, tudo é possivel.

Ella, Evelyn Brent, está ficando velhinha, mas ainda seduz, disse um amigo ao meu lado. Conrad Nagel, algo deslocado e William Farnum, se bem que esteja bom, está fóra de moda...

Ainda apparecem Gwen Lee, Leslie Fenton e Roland Young e Wallace Mac Donald, como "gangster".

Em resumo, o Film não é grande cousa e as scenas externas são melhores do que as internas. E ha uma scena de briga, boazinha.

Cotação: — REGULAR.

O CAPITÃO ESPALHA BRASA — (Clearing The Range) — Allied Capitol — Producção de 1931 — (Prog. V. R. de Castro).

Hoot Gibson e sua nova esposa, Sally Eilers... Para os apreciadores do genero. Hoot Gibson "banca" o Fairbanks em "A marca de Zorro", mas sem mascara. Dialogos curtos. Sendo Film da empresa Vital, vae ter naturalmente um titulo em cada Cinema e com certeza acabará como "Tenente Brasa Dormida" ou cousa que o valha.

Cotação: — REGULAR.

INNOCENCIA QUE ACCUSA — (Hell Bound) — Tiffany — Producção de 1931 — (Prog. Matarazzo).

Leo Carrillo, novamente um "gangster" como em "Suborno". Mas... é um "gangster" sympathico, como sempre e vae regularmente. Lola Lane, muito "chic", nunca esteve em papel tão saliente. Lloyd Hughes, atrapalha.

Cotação: — REGULAR.

A SEREIA DO MAR — (Sea Devils) — Standard Photoplays — Producção de 1931 — (Prog. V. R. de Castro).

Historia passada entre gente do mar e a sereia do Film é... Molly O'Day... Edmund Burns, o galã, vae mal. E mais, Walter Long e William Moran. Salvam-se alguns "blues" cantados por uns pretos.

Cotação: — MEDIOCRE.

IRMÃOS — (Brothers) — Columbia — Producção de 1930 — (Prog. Matarazzo).

Bert Lytell em dois papeis quando hoje já não se póde supportal-o em um. Assumpto banal, sem interesse. Dorothy Sebastian tambem apparece.

Cotação: — MEDIOCRE.

"Riders of the Desert", Film da Monogram, tem o seguinte elenco: — Bob Steele, Gertie Messinger, Al. St. John, John Elliot, George Hayes, Steve Clemente, Joe Dominguez e Gregg Whitespear. R. N. Bradbury, pae de Bob Stelle, é o director. O Film é de Trem Carr, sendo distribuido pela Sono-Art-World Wide Company.

"Mysteries of the French Secret Police" seria Filmado pela R.K.O.-Radio em séries, mas, segundo deliberação da mesma empresa foi condensado num Film de metragem commum.

"Bird of Paradise", Film da R.K.O.-Radio, tem o seguinte elenco: Dolores Del Rio, Joel MacCrea, Bert Roach, John Halliday, Creighton Chaney, filho do saudoso Lon, Arnold Gray, Reginald Simpson, Pat Hartigan, Skeets Galagher, King Vidor é o director e o assumpto se passa nas ilhas dos Mares do Sul.

Donald Reed foi incluido no elenco de "Westward Passage", Film de Ann Harding. Donald acaba de voltar do Mexico, onde posou para alguns Films, produzidos por uma companhia mexicana.

O elenco de "Radio Patrol", Film da Universal, é: Robert Armstrong, Russell Hopton, Lila Lee, Andy Devine e June Clyde.

Tom Keene e a sua companhia estiveram em locação para o Film da R.K.O.-Radio — "Sunrise Trail", cujo elenco inclue os seguintes nomes: Rochelle Hudson, Marie Wells, Hank Bell, Ernest Adams, Tom London, Ed. Burns, Henry Wilson, Jim Corey (sendo Film de cow-boy, elle não podia faltar...) e Frank Ellis. Fred Allen é o director.

"Idyllio amargo ..."

"O Corsario"

"ALVORADA"

Vidas particulares

(F I M)

dos invadiram as terraccs e começaram a preparar a **champagne** para ficarem bem geladas no momento de serem ingeridas. Olharam-se automaticamente, sympathisaram-se. Victor vendo que era absolutamente identico o que faziam, disse, sorrindo...

— Vejo que temos gostos iguaes...

— Parece, realmente.

Respondeu Elyot, tambem sorrindo. Havia, entre ambos, apenas um tenue arbusto.

— E esplendido este luar, não acha?

— Admiravel, simplesmente!

— E' inglez?

— Sou.

— Bravos! Nós nos veremos de novo. Adeus!

— Salve!

E voltaram para os interiores dos appartamentos, para buscar o que faltava...

No dia seguinte, as cousas estavam radicalmente mudadas. Emquanto Victor e Sybil atrazavam-se, Amanda e Elyot encontraram-se a sós na terrace. A principio quizeram não ter a certeza que tinham de que estavam diante um do outro. Depois veiu a revelação de que ambos se tinham casado naquelle mesmo dia e, em seguida, a certeza de que ainda se amavam e mais do que nunca. Malucos e modernos, sempre, resolveram, pela fuga, o processo todo. Combinaram não brigar mais. Juraram! E se o fizessem, teriam um minuto de trégua e, em seguida, cinco de paz. Diriam, então, a palavra "Solomon", para esfriar a discussão e, em seguida, empregariam todos os esforços para que nunca mais tivessem questões.

Se assim combinaram, amantes do romance e da aventura como eram, melhor executaram. A manhã seguinte encontrou Victor e Sybil... **viuvos!**

Na cabana de Amanda, na Suissa, ambos começaram admiravelmente a segunda lua de mel que, naquelle momento, era purissimo adulterio. Eram esposos de outros e, assim, não se pertenciam mais. Mas... até isso era novo e exquisito para elles. Cançaram-se, no emtanto, e um dia começaram a brigar, de novo. Intensificaram-se logo as brigas e o periodo de treguas foi diminuido para dois minutos e a palavra "Solomon" substituida por "Sollochs". Depois de cada briga tinham uma outra discussão e, em seguida, terminavam sempre rindo e aos beijos.

Um dia, no emtanto, a briga foi mais seria e trocaram sopapos. Dos sopapos passaram para os soccos e, destes, para uma completa revolução, ali, que chegou a destruir metade das cousas uteis existentes na casa. No meio da tremenda briga, chegaram Victor e Sybil, informados por policiaes secretas do refugio dos mesmos. E a manhã seguinte, cheia de equimoses e lembranças da tremenda briga da vespera, encontrou-os com os esposos ás portas, vigilantes, esperando a solução de tudo aquillo.

Enraivecidos um com o outro, não perderam occasião. Amanda mostrase profundamente apaixonada por Victor e Elyot, por sua vez, ennamoradissimo de Sybil...

Amanda serviu de amphitryão, naquelle transe... Ao jantar, dizendo Elyot um epigramma visivelmente a ella encaminhado, Amanda engasgou com o café que tomava. Victor promptamente lhe tomou as dores.

— O senhor, dizendo-lhe isso, foi internalmente cretino!

— Mas como podia eu advinhar que ella se ia engasgar?

Perguntou elle, ar ingenuo, bocca cheia.

— E o senhor perde muito tempo tentando ser engraçado, entende?

— O senhor é que se está excedendo dirigindo-se dessa forma a meu marido!

Interveiu Sybil.

— Mas, desculpe-me, delle foi a culpa começando a dizer pilherias idiotas.

— Idiota... é o seu ponto de vista. Eu acho tudo quanto elle diz e faz, engraçado. Muito engraçado, mesmo.

— E eu direi, nesse caso, que a senhora é dona de um senso de humor muito sensivel...

— Sempre melhor do que não ter nenhum, como o senhor!

Amanda e Elyot, impassiveis, trocavam por debaixo da mesa "demonstrações" de genio e amisade, com pisadelas, canelladas, encontros de mãos, etc. E ouviam, perfeitamente silenciosos, a discussão de Victor e Sybil... Era, afinal, tão bom encontrar quem discutir por elles, que já estavam tão cançados com o officio...

Quando a discussão ia terminando, Elyot, como se fosse juiz de uma pugna, dissertou, fazendo graça, sempre.

— Acho, meus senhores e senhoras, que o motivo dossa discussão é relativamente futil...

Mas elles continuaram.

— Tenho pena de si, palavra...

— Pena?

— Sim. E agora mais do que nunca, póde crer...

— E por que "agora", em particular?

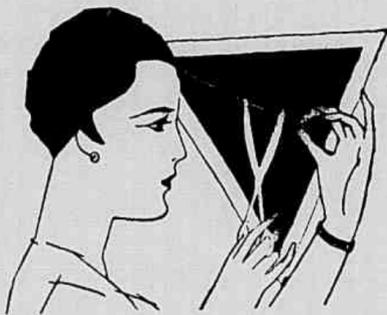
— Se não encontra a razão, acha que eu me darei ao trabalho de mostral-a?

— O que não vejo é motivo para tentar e procurar discussão commigo. Fiz o possivel para lhe proporcionar todo conforto até chegarmos aqui...

— Mas quando eu perdi aquella mala o senhor não fez esforço algum para me dar conforto...

— E nem é possivel continuar tendo paciencia com creaturas que vivem perdendo as cousas.

(Continúa na pagina 42)

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 35$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.º 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 8-6247 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood, GILBERTO SOUTO.

Pergunte = me outra...

SONIA PEREIRA — (Recife) — A sua cartinha é das melhores que tenho recebido ultimamente. Tem razão em tudo, porque tambem tenho pessoalmente a mesma opinião que você. Gilberto tem se revelado um jornalista Cinematographico admiravel, justamente por escrever antes de tudo como "fan", como mesmo elle já disse. Póde escrever-lhe aos cuidados desta redacção e elle vae apreciar a sua carta, póde ter certeza. Não dou "muchôxo", não... e espero receber mais cartas suas interessantes como esta que estou respondendo! Aliás tudo o que você diz, deve-se ao primeiro nome da sua carta.

FLÔR DE LYS — (Rio) — Naturalmente que me lembro de você, "Flôr de Lys"! Tambem gostei muito de "Possuida" e elle é um dos colossos do anno. Joan, admiravel sim. Vou pedir ao Gilberto para entrevistal-a (Gilberto, "Flôr de Lys" está reclamando o retrato de Joan que lhe promettestel) Mas eu pareçido com Clark Gable...?! Engana-se "Flôr de Lys"! Daqui ha uns annos, sim, Clark ficará parecido commigo, na velhice... Quando você ver Lionel Barrymore em "Não matarás", terá mais ou menos o meu typo, sendo eu, entretanto, "mais velho" do que o "velho Holderlin"... "Grande Hotel" deve ser melhor do que "Suzan Lennox" naturalmente... Ainda não li a minhas criticas americanas predilectas. Mas "Cinearte" falará breve, no "Futuras extréas." Volte breve "Flôr de Lys"...

NELO — (Rio) — Rose Hobart está retirada da tela, presentemente. Assim não posso saber o seu endereço. Mas pode escrever para Universal ou Paramount.

BILL RUSSELL — (S. Paulo) — Não é ironia nenhuma e a comparação não causa nenhum prejuizo porque nos referimos é ao seu typo curioso, bizarro e "differente", unico no Cinema Brasileiro. Mary Polo ainda escreve e breve vel-a-á na "Pagina", "A Tela" não foi supprimida não. Tem sido questão de espaço e tambem por circumstancias que não vale explicar-lhe porque você não comprehenderia. Mas sahirão as criticas de todos os Films, verá. Pois se esta secção é uma das razões da existencia de "Cinearte"! Você deve ter o defeito das "preferencias", porque as entrevistas que cita interessam a todos os bons "fans", calma, porque elle entrevistará todos!

GILBERTO LUIZ — (Pelotas) — Nada disso, aquelle jornal não é "orgão" do Cinema Brasileiro. Daquelles nomes eu só me lembro no momento, para responder do heroe de "Ganga bruta." E' Durval Bellini, mesmo. Nomes verdadeiros de artistas, "Cinearte" tem publicado de quasi todos. E' só você ter trabalho de folhear a collecção, porque eu não tenho tempo para isso. Mande sempre noticias da exhibição de Films brasileiros ahi, Cinemas que os exhibem, etc. Até logo "Gilberto"!

Pequenas da Paramount, entre as quaes Judith Wood e Dorothy Hael.

CARLOS SILVA — (Jundiahy) — Carmen Santos e Déa Selva — Cinédia-Studios, Rua Abilio, 26 — Rio. A outra não trabalha em Cinema. "Labios" já correu quasi todo o Brasil. Os outros estão em vias de conclusão. Muito bem! Se todos fizessem como você...

SOTO e J. CARLOS — (Uruguayana) — Na Cinédia só escrevendo directamente á essa empresa. E' o que lhes posso responder...

GAÚCHINHA — (Rio Grande) — Alegro-me com a boa noticia "Gaúchinha"! Celso está trabalhando em "Onde a Terra Acaba." Lelita voltará breve, talvez numa grande surpresa... a outra retirou-se do Cinema. Mas é porque ellas tem sido as figuras de mais evidencia actualmente, por trabalharem em "Ganga bruta." Se terminasse assim, de qualquer fórma o "amarello é do Brasil", não é...? calma, porque ainda conhecerá novas morenas... admiraveis! O "seu dia" chegará "Gaúchinha"... ! Tenha fé! "A fé transpõe montanhas"... lembre-se disso. Até... a "outra"!

Frances Dee e Wynn Gibson, caracterizada, em "The Strange Case of Clara Deane"

Jeanette com frio...

MR. HYDE — (Rio) — 1.° — Pedindo a ella, directamente. Naturalmente ella satisfará o seu pedido. Déa é muito gentil com os seus "fans". 2.° — Não. Só usou esse nome em um Film de Roland West, cujo titulo não me recordo no momento, á pedido delle.

HULA — (Buenos-Aires) — Fico contente com o passeio bonito que está dando por esses logares todos, sem esquecer o Brasil e o nosso Cinemazinho. Desejo-lhe felicidades, por ahi "Hula"! Aquelle titulo é muito vago, para eu poder responder-lhe; Veja se descobre o titulo inglez... Só assim posso saber que Film é este. O endereço de Leslie não sei. Até á proxima "Hula." Quando voltar encontrará surprezas no Cinema Brasileiro...

K. VASOTTO — (Porto-Alegre) — 1.° — Nunca envie dinheiro. As "Secretárias" embolsam-n'o e não mandam nada. 2.° — Cinédia-Studio, Rua Abilio, 26 - Rio. 3.° — Não sei, meu amigo. Elle não me disse isso, quando partiu... Póde "perguntar outra" quando quizer, sempre esperando a publicação das respostas, entretanto. Quanto á 4.ª pergunta não sei qual é o jornal.

N. S. — (Rio) — Joan e Anita — M. G. M. Studios, Culwer City, California. Douglas — First National Studios, Burbank, Cal.

OPERADOR

O que Ronald Colman conta da China

(Continuação)

nos que me disseram quasi todos a mesma cousa: — que era preciso um remedio internacional qualquer para cohibir de vez os abusos dessas guerras e principalmente do banditismo atroz que infesta a China.

— O navio no qual eu parti para o Japão, foi comboiado, á sahida do porto, por um navio de guerra japonez como protecção contra a acção de submarinos ou minas e, isso, até quasi fóra da barra. Ao longe, Shangai deu-me a idéa de Philadelphia. Parecia, tambem, dali onde fiquei olhando, que era uma cidade quieta, socegada e laboriosa... Ninguem pensa, ao chegar, por exemplo, que ali se esteja dando o drama de sangue e violencias que tive occasião de presenciar.

— No Japão, onde a seguir estive, parecia que ninguem sabia, sequer, da existencia de uma guerra na qual aquelle grande paiz era justamente o envolvido.

(Conclue no proximo numero)

O seguro do amor

(F I M)

Mas Carlos não faz isso por ter bom coração, tanto que imagina logo, no mesmo instante, tirar um bom partido daquella mulher infeliz. Propõe-lhe casamento... Mas com uma condição: ella fazer um seguro de vida, e "transferir" o suicidio para daqui ha um anno! Depois desse prazo, ella poderá matar-se. Elle receberia o seguro... Que sujeito, hein?!

———

O peor é que ella acceita a proposta!

Seis mezes decorrem daquelle casamento curioso. Durante esse tempo, o pirata continua a ser o amante de Rosa. Um dia, entretanto, o marido da infiel vem a saber da verdade... E corre á procura do seductor para um "ajuste" de contas...

———

Vae á casa de Carlos, mas quem o recebe é Narita. Esta, sem perda de tempo, corre a avisar o marido e a Rosa do perigo que os espera (Que gente sem vergonha, meu Deus!)...

———

Dias depois Carlos pratica um homicidio. — Não sabemos se a victima foi o marido de Rosa, a tal "descripção" não elucida neste ponto! — O que sabemos é que o "D. Juan" agiu em legitima defesa. Portanto, naturalmente, foi Vallejo, mesmo...

———

No carcere, Carlos se lembra que a data do pacto que elle fez com Narita, está proxima a chegar. Ao mesmo tempo elle descobre que agora ama aquella mulher que pretendia explorar!

Desesperado, premedita uma evasão do presidio. E consegue depois de muito esforço, fugir da cadeia...

Chegando á sua casa tem a surpreza de não encontrar a "esposa".

Como um louco, a procura por toda a parte... e vae encontral-a justamente como Carlo Campogalliani foi encontrar Lecticia Quaranta naquelle conhecido Film brasileiro...

Ainda tem tempo de salval-a. Demonstra-lhe o amor que agora sente por ella. E Narita confessa-lhe que o ama desde aquelle casamento tragico. Mas perdera a esperança...

———

Elles esquecem o passado e só pensam no futuro...

Sally... depois do casamento...

(F I M)

E' que todo "close up" de pernas, na Fox, era feito com as de Sally, muito embora outra fosse a "estrella".

Passou-se ella algum instante para a M. G. M. e heroina foi de certos Films de Buster Keaton. Em seguida figurou ao lado de Norma Shearer em "Gosemos a Vida". Mais alguns papeis ao lado de seu marido, entre elles no seu primeiro Film independente distribuido pela Allied e, na Fox, de novo, como heroina de Spencer Tracy em "Quick Millions".

Nesse Film (aliás desconhecido para o Brasil), revellou-se uma nova Sally Eilers e a Fox viu isso. Organizou-se o elenco de "Depois do Casamento" e o papel principal ao lado de Jimmie Dunn foi-lhe confiado. Era, afinal, o pedestal para o monumento que ella queria erigir para si mesma, em Hollywood.

Conheceu ella a Hoot Gibson numa festa em casa de Lewis Milestone. Naquella época ella vinha de desmanchar um casamento com William Hawks, irmão de Kenneth Hawks, fallecido naquelle celebre desastre de aviação e Howard Hawks, Eddie Sutherland tambem era candidato aos seus sorrisos e beijos. Hott teve-os, no emtanto. Foi um caso de sympathia e amor á primeira vista. Peorou o "caso" quando Hoot a contractou para trabalhar com elle e terminou num altar, logo, durando até hoje.

Eis Sally Eilers. Não encontram, na sua interessante vida, os "fans", muitas cousas a admirar?

Entrevistando um director... Rouben Mamoulian...

(Continuação)

lie Ruggles — o elemento comico do Film, apresenta-o como um Barão e Chevalier, dahi em deante, se vê em situações de fina comedia. No final, Jeanette não mais póde occultar o seu amor pelo joven alfaiate... O escandalo rebenta no velho castello, repleto de nobres e descendentes de alta linhagem.

Chevalier parte para Paris. Jeanette segue-o e esquece o seu orgulho, o seu nome, aquelle velho brazão cheio de glorias e feitos heroicos... O Amor póde mais".

Este é o resumo de "Ama-me esta Noite" (Love me To-Night), que Rouben Mamoulian contou-me, entrecortando a sua narrativa com observações interessantes e curiosas.

"O Film será musicado. Mas, procurarei collocar a sua musica de tal modo que ella não quebrará a sequencia natural da historia. Não haverá cortes subitos, nem paradas... Quando a platéa ouvir os artistas cantando, não o perceberá, pois o momento é adequado a isso. Realmente, é muito theatral o corte brusco de uma scena para um acto de canto".

(Continúa no proximo numero)

Assim são os homens

(F I M)

lyn. Ella não quer acreditar e o intima a terminar o namoro com a irmz. Deante da recusa do rapaz, afim de conseguir afastal-o de casa, Evelyn simula uma conquista de Bob sobre ella. Despenteia os cabellos, repuxa o decote do vestido e vae cahir nos braços do marido que entrava nessa occasião, accusando Bob de tentar seduzil-a...

E' grande o soffrimento de Bonham ao constatar aquelle quadro. Elle esbofeteia o filho e lhe expõe a dor que lhe causava aquella affronta. — Era assim que elle lhe pagava a amisade que lhe tinha?!...

Bob, suffocando o impeto de desmascarar Evalyn, desejando occultar a verdade para evitar maior escandalo, retira-se e vae pedir transferencia de Arizona para outro logar. Sua esposa, entretanto, não o deixou partir. E confessa á irmã o seu casamento secreto. Evalyn reflecte no seu acto e abre-se com o marido. Dahi para diante, o leitor já descobriu o que se passa...

Tudo acaba bem, não resta duvida...

Charlie Ruggles bebe, mas não é muito

(Continuação)

"Mr. Ruggles — no Brasil, quando alguem se refere a sua pessoa — costuma dizer: "Charlie, aquelle sujeito que está sempre bebado..." A sua reputação é das peores!..."

"Mas é a pura verdade. Aqui mesmo, se deu facto identico. Ha mezes, fiz uma tournée, apparecendo no palco dos Cinemas. Foi em Boston, na primeira secção em que me apresentei. Estava de casaca, perfeitamente **bom**... Appareci, cumprimentei a audiencia e disse umas historias. Riram, mas os applausos foram fracos. O manager chega-se a mim e diz: "Mr. Ruggles, o publico quer vel-o embriagado...

"Muito bem, vamos lá para dentro e de-me alguma cousa para beber...", respondi.

"Não, a platéa quer vel-o tal qual é nos Films"... Concordei e, na sessão da noite, entrei tropeçando. Tendo um soluço a cada instante e contei as mesmas historias. O publico applaudiu e pediu per mais"...

"Por ahi se vê que o publico nos quer pelo que somos na tela. A illusão deve ser mantida"...

"Por isso mesmo é que não nego — de vez em quando bebo um pouquinho... Comprehende, para não perder o habito dos Films...", terminou elle com uma risada.

"Como é, não manda entrar?", pergunta alguem do lado de fóra.

"Entra, **meu bem**..." responde Charlie Ruggles, fazendo voz de falsete.

Jack Oakie estava deante de mim. Balançando o corpo, trazendo nos labios um palito que mastigava sem cessar. Uma **sweater** de lã amarella subia-lhe até aos queixos. A moda agora é esse estylo de **sweaters**, que foi alcunhada "pescoço de tartaruga"...

Se vocês viram Jack Oakie nos Films, elle andando pelo studio, falando e rindo é o mesmo Jack Oakie. Corado, gordo, bem disposto.

O seu modo de falar é o mesmo dos typos que interpreta — anda gingando, as mãos a fazer todos os gestos imaginaveis.

Elle e Charlie vivem a pilheriar um com o outro. Jack traz um chapéo com uma penninha do lado — só para atrapalhar...

Elle, a cada pilheria de Charlie, bate com o pé no chão e dá de hombros — num gesto **mimoso** desses rapazinhos que estudam dansa classica... Mas, estão a ver que tudo aquillo é brincadeira. O primeiro que levasse a serio, de verdade, Jack pespagava um murro — que a cara do sujeito ficava mais amassada do que a de Bull Montana!

Logo após, Cary Grant entra tambem. Alto, sympathico, cada vez mais queimado pelo sol da praia de Malibu.

"Como é Charlie, vamos ou não vamos á **preview?**", diz elle.

(Conclue no proximo numero)

Vidas particulares

(Conclusão)

— Jamais perdi cousa alguma, entendeu? Aquella foi a primeira, na minha vida!

— Pois eu custo a crer!

— Sim?...

— Oh, por Deus, esteja alguns segundos calada!

— E como ousa o senhor falar a mim nesse tom?

— Porque a senhora nada mais tem sido, esses dias, do que irritante, nada mais!

— E o senhor o diz?

— Digo, sim e, mais, que é a mulher mais idiota que já encontrei em toda minha vida!

— E o senhor o homem mais grosseiro que tive a pouca sorte de conhecer!

— Nesse caso... estamos quites!

Amanda e Elyot mergulharam os rostos sobre os pratos. Sybil e Victor beberam, nervosos.

— Uma cousa o senhor terá e a mereceu, sem duvida!

Disse Sybil.

— O que quer dizer com isso?

— Ora, sabe perfeitamente bem o que eu quero dizer! Servir-lhe-á de lição para não deixar que uma mulherzinha como aquella ande tão solta, a ponto de lhe fugir sem que tenha tido da fuga o mais simples presentimento.

Elyot olhou Amanda como a lhe dizer: — "E' com você, filha"...

— E você com isso?

Accrescentou Victor.

— Além disso, o que me dirá sobre a hypothese de o levar de novo comsigo?

Amanda devolveu o olhar e a phrase a Elyot...

— Elle não tem culpa. Tem sido uma victima, como você tem sido outra.

— Victima, eu? Que tolice!

— Não é tolice, não. Você é dos gritos, dos gestos e das explosões, mas quando chega o momento de reagir... mais molle do que manteiga! Você, amigo, com quatro olhos não vê o que um gato cego enxergaria a kilometros!

Afastou-se, depois de dizer. Victor, que tudo ouvira e tambem se erguera, seguiu-a, furioso. Elyot fez um movimento como se fosse apazigual-os. Amanda interceptou qualquer intenção, no emtanto.

— Pare com essas insinuações, entende?

Continuou Victor.

— Não estou insinuando nada! Quando penso em tudo quanto me disse ella, rio-me! Falou tanto e, afinal veiu aqui cahir, todo amoroso, de novo!

— Póde falar com certa autoridade, não nego, porque teve a intelligencia de escolher a um bebado para esposo!

— Ah! Então é isso que ella lhe tem estado a contar?

— E'!

— Devia ter sabido antes... E não disse que elle a espancava, tambem?

— Disse, tambem e eu tenho a absoluta certeza de que isso tambem é verdade!

— Mas esqueceu-se de lhe contar que tinha tomado quatorze "doses" quando hontem os encontarmos, ao chão e nem que era habito seu recolher-se fóra de horas, sem o marido e tambem embriagada, sempre?...

Amanda e Elyot riram-se e apertaram-se as mãos emquanto a discussão continuava.

— Pois se ella lhe contou isso, minha senhora, mentiu deslavadamente!

— Não é!

— E se a senhora lhe deu credito, não passa de uma... de uma tolinha de miolos menos analysaveis do que os de uma usual cretina!

— Como ousa falar a mim num tom desses? Como ousa? Jamais, em minha vida, insultaram-me tão grosseiramente! Como ousa?

Amanda e Elyot ergueram-se e sahiram mansamente do ambiente.

Na sala, de longe, ainda ouviram os rumores das vozes, discutindo, sempre.

— Comecei considerando-a uma cretina, confesso. Agora averiguo que é cretina e maliciosa, vil e insinuante, tambem!

Peccadores e sem contricção de alguma cousa da qual eram accusados, Amanda e Elyot fugiram dali para onde nada mais ouvissem. Era delicioso e differente aquillo tudo!

— Não diga mais nada, mais nada, entendeu, seu grandessissimo bruto?

Continuava Sybil.

Quando Amanda e Elyot passavam pela porta que dava para o campo, ouviram o ruido de uma bofetada em cheio e, depois, rumor de vidros partidos. Depois uma mesa que rolava e, depois, silencio.

— Santo Deus, ter-se-iam liquidado, mutuamente?...

Perguntou Amanda, sorrindo.

— E' provavel... Mas para uma discussão assim... só a morte, mesmo...

Horas depois, tocando para o norte, num trem, Amanda e Elyot conversavam, cada vez mais feliz um ao lado do outro.

— Mas gente tão convencional, você esperava, francamente?

— Confesso que não... Além disso, palavra, pensei que os unicos que discutissem dessa maneira, no mundo, fossemos nós...

— Mas afinal, quem foi que começou a balburdia? Ah, lembro-me, foi o Victor e, depois...

— Não, querido! Não foi o Victor. Foi aquella idiotazinha que...

— Mas meu bem! Aquillo começou muito antes. O burro do Victor...

— Meu anjo! Sybil interferiu sem que houvesse a menor provocação e...

— Mas foi decente nesse gesto!

— Qual nada! Ella provocou deliberadamente a scena toda!

— Mas você sabe, meu bem, que isso foi admiravel!

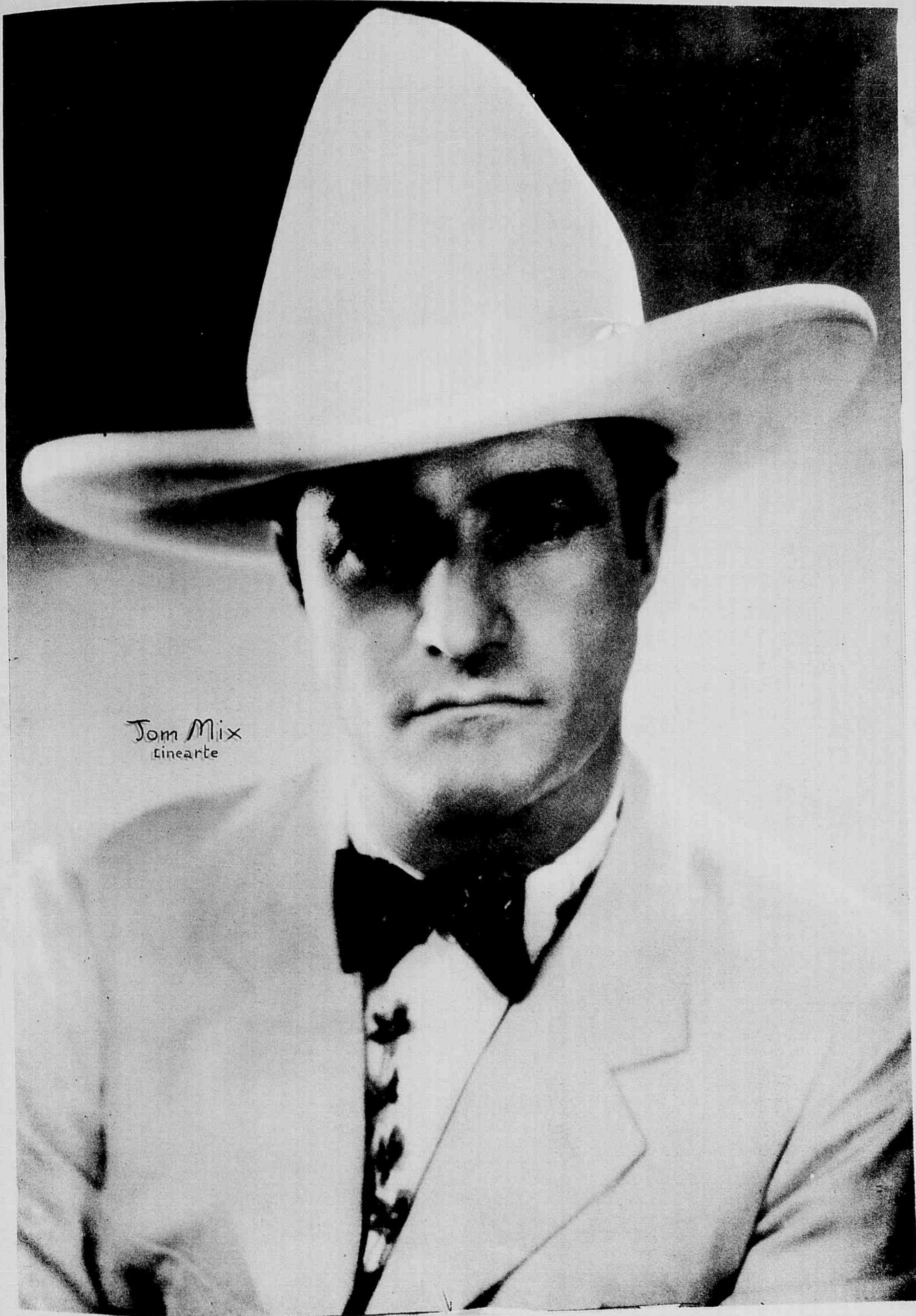
— E não "admiravel" estar você, ahi, culpando de tudo o pobre do Victor!

— Sim, tem razão, principalmente se você entende que deve defender aquelle pedaço de animal!

— E você, meu amigo, acha que aquella tolinha sem miolos poderia...

O chefe de trem, bigodudo, poz a cabeça dentro do compartimento e gritou o nome da primeira estação.

— SOLLOCHS!... DOIS MINUTOS!... SOLLOCHS!...

Elyot e Amanda olharam-se, admirados. Viria do céo aquelle grito?... Depois, comprehendendo tudo e achando infinita graça naquella interferencia tão opportuna, começaram a rir. Depois de passado o accesso, olharam a pequenina estação. Olharam o nome: SOLLOCHS. Olharam-se. Abraçaram-se. Não ligaram a ninguem que, espantado, contemplasse o escandaloso beijo que estavam trocando...

Tom Mix
Cinearte

Dentes que enfeitem o riso
com brilhos claros de sol...
Pouco, para isto, é preciso:
a Pasta e o Liquido Odol.
Odol
Odol
KOHOUT.
ODOL